

II SÉRIE Nº 15 JUNHO 1978 Pr.15\$00

REVISTA PORTUGUESA DE

xadrez



Em foco:

os campeonatos distritais (individuais)

NESTE NÚMERO:
O TORNEIO ZONAL 4
O SISTEMA ELO E A SUA
APLICAÇÃO EM PORTUGAL



SUMÁRIO

- 42 **Xadrez por correspondência — Mestre Silvério Pereira na II Taça Brasil**
43 **Torneios Zonais — Vitória de Balashov no Zonal 4**
44 **Introdução a um Campeonato do Mundo — A 1.ª variação sobre o tema Karpov-Korchnoi 1978**
45 **Temas estratégicos: o bloqueio**
46 **Secção de consulta**
46 **Nacional**
48 **Internacional**
50 **Os Campeonatos Distritais — Palhares campeão de Braga O Campeonato de Lisboa dá a dia**
53 **Soluções**
54 **Finais elementares**
55 **Temas táticos: O Drama do sub-desenvolvimento**
56 **Problemas — Quando os grandes-mestres compõem**
57 **Durão em Benidorm**
58 **Crónica de um «Hibernado» — Capablanca, Maroczy e... Karpov!**
59 **O Sistema Elo e a sua aplicação em Portugal O meu melhor sacrifício**
60 **Partidas recentes Para resolver**

Proprietária e editora: Federação Portuguesa de Xadrez — **Sede da redacção e administração:** Rua da Sociedade Farmacêutica, 56-2.ª, Lisboa-1 — Tels. 53 90 27/8.

Director: Simões Nunes — **Corpo redactorial:** Álvaro Pereira, Armando Aragão, José Oliveira (chefe de redacção), José Pereira dos Santos, José de Sousa, Luís Santos, Rui Nascimento, Sobreda Antunes, Tomé Duarte, Vasco Santos, Victor Silva — **Fotografia:** Álvaro Fernandes — **Capa:** Júlio Quirinó, Vítor Cardoso —

Coloaram neste número: Dagoberto Markl, João Cordovil, Joaquim Durão, Miguel Costa, Silvério Pereira — **Delegação no Porto:** António Cabral, Eduardo Monteiro, Fernando Timóteo, Gomes da Rocha, Henrique Magro, Manuel Matos — **Correspondentes:** Faria de Bastos, Justino Carvalho, Pedro Palhares — **Outros colaboradores:** Agostinho Roxo, Américo Costa, Isabel Rodrigo, José de Almeida.

Composição e impressão: Gráfica Progressiva de Cacilhas, Lda. — Rua Carvalho Freire, 63-A — Cacilhas — Tel. 275 14 94

Tiragem: 6.500 exemplares

Distribuição: Agência Portuguesa de Revistas

Preço por número: 15\$00 — **Assinatura semestral:** 80\$00 — **Assinatura anual:** Portugal: 150\$00, Espanha: US\$4.50, Europa e países africanos de expressão portuguesa: US\$6.00, Restantes países: US\$8.00, ou o equivalente noutras moedas. Números atrasados: 15\$00.

XADREZ POR CORRESPONDÊNCIA

Mestre Silvério Pereira na II Taça Brasil

Há praticamente cinco anos começou a disputar-se a II Taça Brasil, por correspondência, em que participaram várias centenas de jogadores, entre os quais alguns portugueses

Esta importante prova dividiu-se em três fases, tendo os nossos xadrezistas sortes diferentes. Assim, dos oito inscritos, apenas Castro Guimarães, Jorge Babo, Silva Leal e Mestre Silvério Pereira passaram às semi-finais. E foi exactamente este último que, com quatro vitórias, dois empates e uma derrota no seu grupo, ganhou o direito de disputar a fase final, que se iniciou em Junho de 1977, com dezasseis concorrentes.

Silvério Pereira averbou já três vitórias, indo, nas restantes partidas, entre os 20 e os 30 lances. Prevê-se o termo da prova para Março de 1979.

Entretanto, apresentamos duas significativas partidas de Silvério Pereira jogadas nas semi-finais e na fase final.

R. SANTOS - S. PEREIRA *Siciliana Dragão*

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 g6 6. Be3 Bg7 7. f3 0-0 8. Dd2 Cc6 9. Bc4 Bd7 10. 0-0-0 Tc8 11. Bb3 Cc5 12. h4 Cc4 13. Bxc4 Txc4 14. h5 Dc7 15. Cde2 Tc8!

As pretas conseguem uma boa posição com a interessante linha 14... Dc7.

16. Rb1 b5 17. Cf4 Db7 18. Tc1 Txc3!
As pretas apossaram-se da iniciativa e lançam-se decididamente ao assalto.

19. bxc3 Tc4 20. Cd3 Da6 21. hxg6 fxg6 22. Tcf1 Be6!

É realmente de grande beleza a combinação que as pretas se propunham realizar mediante este lance. Ameaça-se 23... Cxe4!
24. fxe4 Bxc3 25. D joga Dxa2+!
26. Rxa2 Ta4+ 27. Rb1 Ta1++.

23. Rc1! Dxa2 24. Rd1 Cxe4!
25. fxe4 Bg4+ 26. Tf3 Bxc3 27. Df2 Txe4

As pretas acabam por fazer quase todos os lances da combinação referida e dizimam os peões das brancas, mas não conseguem o efeito decisivo que a combinação permitia.

28. Th4 Bxf3+ 29. gxf3 Txe4 30. Dxe4 Df7 31. Dg4 e6

Uma posição complexa e difícil de tratar. As pretas ficaram com quatro peões pelo cavalo branco, mas terão de restituir um peão. Serão os dois peões de torre livres que, depois de alcançarem uma posição avançada, garantirão o empate às pretas.

32. Cf4 a5! 33. Cxe6 Df5 34. Dxf5 gxf5

35. Cc7 b4 36. Cd5 a4! 37. Cxc3 bxc3 38. Bd4 Rf7 39. Re2 a3! 40. Re3 h5!
41. Rf2 Rg6 42. Rg3 Rg5 43. f4+ Rg6 44. Rh4 ½:½

Uma partida espectacular, com um final de grande interesse técnico. Mais um empate depois de luta ardorosa, em ambiente de amizade, como é próprio de praticantes desportivos responsáveis.

S. PEREIRA - V. MATOS

Peão de Dama — Defesa irregular

1. d4 Cc6 2. Cf3 d5 3. e3 e6 4. c4 Bb4+ 5. Bd2 Cge7 6. a3! Bxd2+ 7. Cbxd2 0-0 8. Dc2 f5 9. Bd3 a6 10. Tc1 Bd7 11. 0-0 Tc8

As brancas completaram o seu desenvolvimento e nota-se já que têm muito melhor posição. Por isso iniciam as operações de meio-jogo e atacam a ala de dama das pretas.

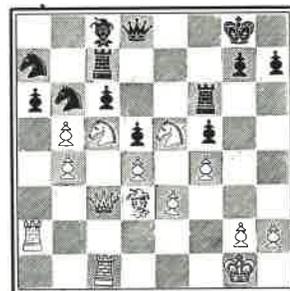
12. b4 Ca7 13. Ce5 c6 14. Cb3! Tc7
As brancas ameaçavam Cc5, com ganho de material.

15. cxd5! exd5
As brancas trocaram os peões na altura exacta, não permitindo a abertura da coluna c.

16. Cc5 Bc8 17. a4 Cg6 18. f4 Tf6
As brancas, com uma estratégia adequada, imobilizaram o Ca7 e estão a conquistar espaço, deixando as negras numa posição restringida

19. Db3 Cf8 20. Tf2 Cd7 21. Dc2 b5
As brancas estavam a preparar o chamado «ataque das minorias», mas resolvem «adaptar-se» à laboriosa manobra do cavalo negro, na perspectiva de melhores resultados imediatos.

22. Tε1 Cb6 23. axb5
e as brancas aguardam a resposta das pretas, que estão em vias de ver desmorronar-se a posição, com a consequente perda de material



Esta é uma das partidas em que tenho posição favorável na final da II Taça Brasil.

(comentários de SILVÉRIO PEREIRA)

Vitória de Balashov no Zonal 4

● Vaganian, Kuzmin, Romanishin e Tsheshkovsky também apurados para o Interzonal

O torneio teve lugar em Lvov e compreendia apenas a União Soviética, dado o valor dos jogadores deste país.

Como se sabe, o apuramento para os «matches» de candidatos donde sairá o desafiante do próximo campeão do mundo, é feito através de dois interzonais; antes destes, onze torneios zonais, cobrindo todo o globo, indicam quais os jogadores que se classificam para a fase seguinte.

Assim, este zonal 4 (sem dúvida o mais forte), apurava os cinco primeiros para os interzonais, e, ao olharmos para a tabela final, não podemos deixar de verificar algumas surpresas como a posição do ex-campeão mundial Smislov, em 10.º, dos co-vencedores do recente 45.º Campeonato Soviético (ver R.P.X. n.º 11), Gulko e Dorfman, respectivamente em 9.º e 11.º, e do «velho» Geller, em último lugar!

Os menos atentos a estas lides poderão estar estranhando diversas ausências de vulto. Porém, alguns jogadores passarão directamente aos interzonais, já que participaram nos «matches» de candidatos do anterior ciclo do Campeonato do Mundo, ou seja, o que vai em breve terminar com o encontro Karpov-Korchnoi. São os casos de Spassky, Tal, Petrosian e Polugaevsky.

Assistiu-se à conquista dos primeiros lugares por uma plêiade de jogadores relativamente jovens dos quais transcrevemos algumas partidas

A única derrota que Balashov, de 29 anos, sofreu foi contra o antigo campeão do mundo de juniores Kochiev.

BALASHOV - KUZMIN



32... Txb7! 33. Dxb7 Dxd4 34. Ta8 Dxf4 35. g3 Dd6 36. Dc8 e6 37. Dxc4 h5. A ideia seria meter o bispo em g7, empatando; porém, Kuzmin jogou 38. h4 Rg7? 39. Dc3+ Rh7 40. Df6 Rg8 41. Ta7, e o ataque sobre f7 é decisivo. 1:0



Balashov

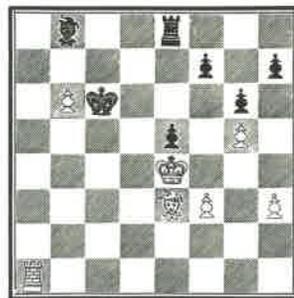
KUZMIN - DORFMAN

Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. Bb5+ Cc6 4. 0-0 Bd7 5. De2 (o plano é Te1, c2-c3 e d2-d4) g6 6. e5 dxe5 7. Cxe5 Cxe5 8. Dxe5 Bxb5 (se 8... Cf6 9. Dxc5 Tc8 10. Bxd7+ Dxd7 11. Dxa7 Txc2 12. Cc3) 9. Dxb5 Bxf1 10. Dxb8 (se agora 10... Bb5 11. d3! Dd4 12. Cc3 Bc6 13. Bh6) Bxg2 11. Rxb5 Dd5+ 12. Rg1 Dg5+ 13. Rf1 Dh5 14. Cc3 Dxb2 15. Cd1 Tc8 (se 15... Td8 16. d3 c4! 17. Ce3 cxd3 18. cxd3 Txd3 com ataque; empata-se com 16. Ce3 Dh1+ 17. Re2 Dh5+ 18. f3 — ou 18. Re1 Dh1+ 19. Cf1 De4+ 20. Rd1 Df3 — Dh2+ 19. Re1 Dh4+) 16. d3 c4 17. d4 Dh1+ 18. Re2 Dh5+ 19. f3 Tc6 20. Cf2 Te6+ 21. De3 Dh6 22. Cg4 Txe3+ 23. Rf2! (23. Cxe3 Dh2+ 24. Re1 Dg3+ 25. Rd2 Df2+ 26. Rc3 Dxe3+ 27. Rxc4 Dxf3) Txf3+ (23... Df4 24. Cxe3 Dh4+ 25. Rg1 Dxd4 26. Te1 h5) 24. Rxf3 Dh3+ 25. Rf4 f5? (Dorfman devia

ter jogado 25... Dh4 26. Ce5 g5+! 27. Dxb5 Bh6 ou também 27. Rxb5 Dg3+) 26. Cf6+! exf6 27. Te1+ Rd7 28. Df7+ Rc6 29. Dxc4+ Rd6 30. De6+ Rc7 31. Df7+ Rc6 32. d5+ Rb6 33. Te6+ Ra5 34. Dc7+ Ra4 35. Dxc4+ Ra5 36. Dc7+ Ra4 37. Dc4+ Ra5 38. Dc3+ Dxc3 39. bxc3 Rb5 40. Txf6 Bh6+ 41. Rf3 Rc5 42. c4 Bg7 43. Te6 Bf8 44. Te8 Bd6 e 1:0 pois seguia-se 45. Tc8+ Rb6 46. a4 a5 (47. a5+ Rxa5 48. c5) 47. Re3 Bc5+ 48 Rd3.

VAGANIAN - SMISLOV



41. Tc1+ Rb7 42. Td1 Rc6 43. h4 Tf8 44. h5 gxh5 45. Rf5 Bd6 46. Tc1+ Rb7 47. Th1 Ta8 48. Txb5 Ta3 49. Re4 Rc6 50. Th1 (se 50. Txb7, seguia-se a manobra Ta4 e Ta3) Ta4+ 51. Rf5 Ta3 52. Te1 Bb4 53. Tc1+ Tc3 54. Rf6! (se 54. Rxe5 Txc1 55. Bxc1 Bc3+, seguindo-se Rxb6) Txc1 55. Bxc1 e4 56. fxe4 Rxb6 57. Rxf7 Bc3 58. Bf4 1:0

TSESHKOVSKY - TUKMAKOV

Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 a6 6. f4 Dc7 7. Be2 e5 8. Cb3 b5 9. Bf3 Bb7 10. 0-0 Cbd7 11. a3 exf4 12. Bxf4 Cd5 13. Cd4 g6 14. Rh1 Td8 15. Bg5 Be7 16. Bh6 Dc5 17. Cb3 Dc8 18. Ca5 Ba8 19. Bg7 Tg8 20. Bxf6 Bxf6 21. a4 b4 22. Cd5 Bxd5 23. Dxd5 Re7 24. Be2 Dc5 25. Tae1 Td7 26. Tf4 Tc7 27. Tef1 Dxd5 28. exd5 Txc2 29. Bxa6 Bg5 30. Cc6+ Txc6 31. dxc6 Bxf4 32. c7 Be3 33. c8D Txc8 34. Bxc8 Cd3 35. g3 d5 36. a5 Rd8 37. Bb7 f5 38. Bxd5 Cxb2 39. Tb1 Bd4 40. a6 Cd3 41. Tb3 1:0

SOBREDIA ANTUNES

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Pts
1 Balashov	●	½	1	1	½	½	½	½	½	½	1	0	1	½	1	9
2 Vaganian	½	●	½	0	½	½	½	1	1	1	½	½	½	1	½	8½
3 Kuzmin	0	½	●	½	½	½	½	½	1	1	½	½	½	½	1	8
4 Romanishin	0	1	½	●	½	½	½	1	½	1	½	0	1	½	8	
5 Tsheshkovsky	½	½	½	½	●	1	½	1	½	0	½	1	0	1	½	8
6 Tukmakov	½	½	½	½	0	●	½	0	1	1	½	½	1	0	1	7½
7 Bagirov	½	½	½	½	½	½	●	0	½	0	½	½	½	1	1	7
8 Beliavsky	½	0	½	½	0	1	1	●	½	½	1	½	½	½	0	7
9 Gulko	½	0	½	0	½	0	½	½	●	½	½	1	1	½	1	7
10 Smislov	½	0	0	½	1	0	1	½	½	●	0	1	1	½	½	7
11 Dorfman	0	½	0	0	½	½	½	0	½	1	●	½	1	1	6½	
12 Kochiev	1	½	½	½	0	½	½	0	0	½	½	●	½	1	6½	
13 Sevon	0	½	½	1	1	0	½	½	0	0	½	½	●	½	6½	
14 Sveshnikov	½	0	½	0	0	1	0	½	½	½	0	½	½	●	5	
15 Geller	0	½	0	½	½	0	0	1	0	½	0	0	0	½	●	3½

A primeira variação sobre o tema Karpov-Korchnoi 1978

1972, foi o ano em que pela primeira vez depois da vitória de Botvinnik no Torneio Mundial Haia-Moscovo em 1948, o xadrez se defrontou com uma situação nova. A hegemonia individual e colectiva dos soviéticos tinha sido posta em causa por esse «fenómeno» AVIDA-DOLLARS (como lhe teria chamado André Breton, se o tivesse conhecido), produto acabado do «American way of life», meteórico com os seus compatriotas de outros tempos, Paul Morphy e Henry Pillsbury, meio-louco como eles, embora não tivesse herdado do primeiro as lutas contra imaginários «castelos de Espanha», mas repetindo a seu modo, os exibicionismos do segundo. Tudo isto define Robert Fischer, vencedor incontestável de um calmo, mas demasiado sensível Boris Spassky, confundido pelas manobras psicológicas dos tabuleiros especiais; das cadeiras não menos especiais e... intransmissíveis; dos protestos pelo papel de rebuçado que estala na mão descuidada do espectador ou pelo ruído «perturbante» da câmara televisiva.

Fischer foi campeão e se, o seu mérito reside no que fez sobre o tabuleiro das 64 casas, o seu desmérito caracterizou-se pelo jogo de corredor — ou de bastidor, se se preferir —, jogo condicionado ao vai-e-vem do dollar e até... aos caprichos de uma religião tão abusivamente obstrusa quanto as suas gravatas berrantes e de mau gosto.

No entanto, podemos hoje afirmar que tudo foi positivo, positivo não em termos da produção artística — continuamos a defender que o xadrez é uma arte, uma poética — pois o campeão arrumou o génio no canto do sótão das recordações, esqueceu as ordens do «cacique» Kissinger que o obrigou a jogar pondo termo à birra,

e recolheu a penates, talvez para se escaivar à rendosa publicidade, como o «héroi» do conto de Stefan Zweig, esse mítico Gzentovic que «permitia usassem a sua fotografia em reclames de sabonetes».

E oficialmente, em 24 de Abril de 1975, o jovem soviético Anatoly Karpov sagrou-se campeão mundial sem chegar a medir forças com o «superman» norte-americano. Fischer, desde esse momento, traiu a arte a que, parecia, se tinha dedicado.

Dissemos acima que tudo foi positivo e ao afirmá-lo pensámos, sobretudo, no entusiasmo que o desenrolar do «match» Fischer-Spassky despertou em Portugal. Que razões em termos sociológicos podemos apresentar para tal facto, para além do encontro em si?

Já muitos se tinham realizado nos tempos áureos de um Botvinnik e de um Tal — sem que tivessem despertado a atenção dos portugueses. Naturalmente que o fascismo, por natureza inimigo da arte de pensar (porque não pensa... como já disse por outros termos Jorge de Sena), inimigo do conceito de associação (sabemos das dificuldades em que o xadrez viveu no negro meio século), inimigo da União Soviética por via de um feroz anti-comunismo, jamais podia permitir que se divulgasse a supremacia deste povo no xadrez, esse jogo ciência que «Che» Guevara soube compreender e amar.

Supomos que para além das palestras televisivas e, confessemos-lo, bastante úteis de João Maria Cordovil, inegável vencedor dessa campanha de divulgação, houve como que uma «jogada forte» (em termos de roleta de casino...) apostando-se tudo mais no embate entre um americano e um soviético do que no desenvolvimento de uma modalidade que, na ocasião, certo presidente da câmara consi-

derou jogo-de-azar e como tal, sujeito às penas que sobre estes, muito justamente, caem. O americano venceu, mas as contas saíram turruas, porquanto o xadrez ganhou enorme prestígio e com ele as vitórias posteriores dos soviéticos. Era agradável entrar no café e ver as pessoas presas ao desenrolar dos lances que muitas não entendiam por ignorarem a diferença entre um peão e um bispo; por desconhecem o jogo-arte. Mas foi também agradável ver o interesse com que alguns corriam às poucas livrarias onde podiam obter um livro sobre xadrez. Ainda mais agradável, porém, foi sentir que os jovens queriam o xadrez, queriam aprendê-lo. Eram «Spasskys», eram «Fischers» fosse o que fosse, era o xadrez a despertar, a iniciar o grande caminho de divulgação que lhe foi aberto pela nova mentalidade nascida da revolução de Abril.

Este ano, novo embate se vai dar. Desta vez Karpov defrontará outro grande jogador-artista: Viktor Korchnoi — Baguio (Filipinas) a partir de 16 de Julho. Embora o match não oponha americano e soviético, opoe um dos chamados dissidentes (Korchnoi) e um soviético. Já não vivemos no fascismo, as instituições democráticas, sujeitas a toda a sorte de assaltos, estão firmes; não há pretextos para «politizar» no mau sentido o «match», importa sim fazer com que ele sirva a política em boa hora encetada pela Federação no sentido de levar o xadrez a todos os portugueses.

Fazemos desde já, um voto que é uma esperança, Korchnoi, que já foi vítima das diatribes de Fischer, não deverá cair na tentação dos «psico-lances», extra xadrez, extra arte. Karpov, sabemos que é um dos mais poderosos artistas dos escaques, esperemos pois que todos ganhem, que todos possamos ver dois criadores em pleno acto de criação intelectual. Aguardemos que os nossos órgãos de informação, dessectarizem o acontecimento e, agora, com muita receptividade por parte dos portugueses, ajudem a aumentar o gosto pelo xadrez, essa arte insuspeitada de poetas que em vez de caneta e papel usam 32 peças de madeira sobre um tabuleiro de 64 casas desenhadas sobre esta forma plástica que revelam somente a luta entre o artista e a inspiração.

DAGOBERTO L. MARKL



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

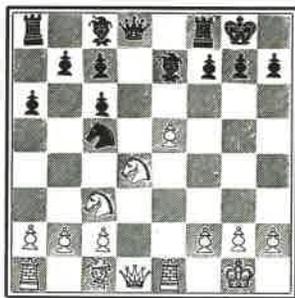


O bloqueio

Depois de uma série de artigos em que Álvaro Pereira tratou do bloqueio em geral, posições cerradas com muitos peões «encaixados», analisemos o bloqueio como a maneira mais simples e efectiva de tratar um ou mais peões passados.

Quantas vezes na prática o principiante, apenas para evitar a cedência de um peão passado ao adversário, cai em posições inferiores! E quantas vezes esse peão pode ser vantajosamente bloqueado!

O bloqueio não é apenas uma arma defensiva, como permite bastantes vitórias fáceis apenas baseadas na força da peça bloqueadora.



1... f5! Controlando duas importantes casas, e4 e f5, embora cada um peão passado, este é facilmente bloqueável em e6. 2. f4 Ce6 3. Be3 Cxd4 4. Dxd4 Dxd4 5. Bxd4 Be6, etc. (Foltys - Pachman, Praga 1946) Que têm as brancas além do peão passado? Que podem elas fazer contra o avanço dos peões negros no flanco de dama?

A posição negra está estrategicamente ganha!

— Num bloqueio efectivo a força da peça bloqueadora é valorizada por dois motivos:

- 1) Como peça defensiva, evita o avanço gradual do peão passado;
- 2) Como peça activa, está protegida contra ataques frontais pelo peão inimigo, podendo exercer forte pressão, sobretudo se bloquear um peão central.

— Qual será a peça mais adequada para o bloqueio? Normalmente é o cavalo (bloqueador por excelência), mas o bispo também pode cumprir a missão com êxito. Em finais, o rei é um óptimo bloqueador. As peças menos apropriadas são a dama e a torre, pois normalmente fazem falta para o ataque e além disso podem ser mais facilmente desbloqueados.

Um bom bloqueio pode muitas vezes servir, por si só, de estratégia do desenvolvimento do meio jogo até ao final.

Vejamos duas exemplares partidas em que o bloqueio a peões atrasados ou passados determina toda a luta.

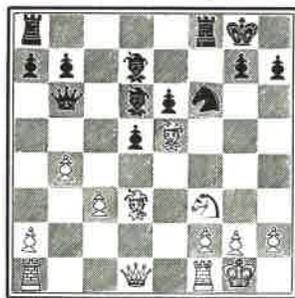
NIMZOWITCH - SALVE

Carlsbad 1911

Francesa

1. e4 e6 2. d4 d5 3. e5 c5 4. c3 Cc6 5. Cf3 Db6 6. Bd3 Bd7 7. dxc5! Bxc5 8. 0-0 f6 9. b4! (Melhor que 9. De2 fxe5 10. Cxe5 Cxe5 11. Dxe5 Cf6, e aqui estaria a dama a servir de bloqueadora ao peão atrasado; ora como já dissemos, geralmente esta peça é inadequada para o bloqueio; aqui poderia vir a ser incomodada com Bd6).

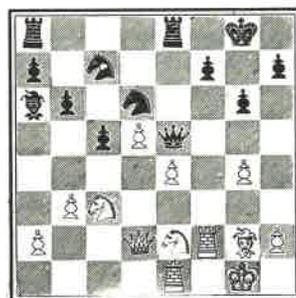
9... Be7 10. Bf4 fxe5 11. Cxe5 Cxe5 12. Bxe5 Cf6 13. Cd2! (Continuando o plano estratégico de bloqueio em e5 e d4. Seria errado fugir ao plano ganhando um peão do seguinte modo: 13. Dc2 0-0! 14. Bxf6 Bxf6 15. Bxh7+ Rh8, com melhor posição negra em virtude do seu centro móvel depois de e5, e ao par de bispos) 0-0 14. Cf3 Bd6



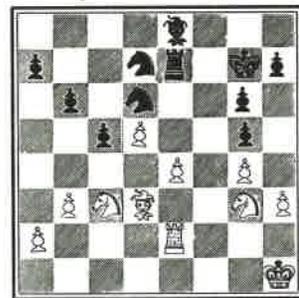
(As negras tentam a todo o custo desalojar a peça bloqueadora. Se 15. Bd4? Dc7 16. De2 Cg4! 17. h3 e5! Há que levar o cavalo a e5 mas com outra ordem de lances).

15. De2 Tac8 16. Bd4 Dc7 17. Ce5 (Conseguindo uma vantagem posicional clara que será concretizada de modo instrutivo)

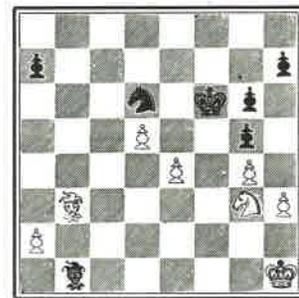
Be8 18. Tae1 Bxe5 19. Bxe5 Dc6 20. Bd4 Bd7 21. Dc2 Tf7 22. Te3 b6 23. Tg3 Rh8 24. Bxh7! (Se 24... Cxh7 25. Dg6!) e5 25. Bg6 Te7 26. Te1 Dd6 27. Be3 d4 28. Bg5 Txc3 29. Txc3 dxc3 30. Dxc3 Rg8 31. a3 Rf8 32. Bh4 Be8 33. Bf5 Dd4 34. Dxd4 exd4 35. Txe7 Rxe7 36. Bd3 Rd6 37. Bxf6 gxf6 38. h4 1:0



1. Cg3? (Um erro posicional pois não tem relação nenhuma com o problema fundamental da posição que é o bloqueio. Seria lógico 1. Rh1 com ideia de Cg1 e Cf3) Te7 2. Bf1 Bc8 3. Be2 Bd7 4. Tef1 Tf8 5. Dc1 Cce8 (com o objectivo de ir substituir a dama na casa e5) 6. Rh1 f6 7. Bf3 Cg7 (perdendo um tempo, escusadamente, perante a total passividade branca) 8. Tg1 Dg5 (As negras dão-se ao luxo de dobrar um peão, promovendo c e4 de atrasado a passado, de tal maneira confiam no seu bloqueio central sobretudo agora que se aproxima o final) 9. Dxc5 fxc5 10. Tgf1 Cgc8 11. Be2 Txf2 12. Txf2 Rg7 13. h3 Cf6 14. Bd3 Be8 15. Te2 Cd7

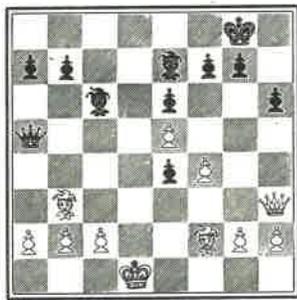


16. Td2? (Perdendo a oportunidade de eliminar uma peça bloqueadora com 16. Cb5!) Ce5 17. Be2 b5 (Aqui fica evidente como um peão passado efectivamente bloqueado vale menos que uma maioria móvel de peões apoiada pela peça bloqueadora) 18. Tc2 Tc7 19. Cd1 c4 20. bxc4 bxc4 21. Ce3! (Um bloqueio, neste caso das brancas, sem futuro pois não exerce pressão; melhor era a tentativa 21. Cb2, pois se 21... c3 22. Cd3, desalojando o Ce5) Rf6 22. Cb1 Tb7 23. Cd2 Ba4 24. Tc1 Tb2 25. Cxc4 Cexc4 26. Bxc4 Bc2 (Toda a estratégia negra começa a dar frutos!) 27. Bb3 Tb1 (o mais simples) 28. Txb1 Bxb1



(Depois de longamente travados os peões centrais iriam cair!) 29. Ce2 Bxe4+ 30. Rh2 Re5 31. Cc3 Bd3 32. Rg3 Ce4+ 33. Cxe4 Bxe4 (O resto é uma questão de técnica) 34. d6 Rxd6 35. Bg8 h6 36. Bf7 Bd5 37. Bxg6 Bxa2 38. h4 a5 39. hxg5 hxg5 40. Rf3 a4 41. Re3 Be6 42. Rd4 Bxg4 43. Rc3 Bd1 44. Bf5 Re5 (Claro que 44. g4? 45. Bxg4 empata!) 45. Bd7 Rf4 46. Rb4 Bc2 47. Rc3 Bb3 48. Rb4 Bf7 49. Rxa4 Bg6 50. Rb4 Bf5 51. Bc6 g4 52. Rc5 Be4 53. Bd7 g3 54.

Bh3 Re3 55. Rd6 Bf5 56. Bg2 Rf2 0:1
(de uma partida Pilnik-Euwe, Amsterdão 1950)



(Aqui, se as brancas conseguem um bloqueio efectivo do peão passado e4, poderão capturá-lo a médio prazo com a manobra c3 e Bc2).

1... Bc5! 2. Be3! Db5!! 3. c4 (forçado) Db6 4. Re2 Bd4 (Esta a ideia o segundo lance ou seja, ganhar a casa d4, importante para desbloquear e3, evitando assim 4. c3 no caso de 2. Db6) 5. Dg3 Dd8! 6. Bc1 Bg1 (conseguindo assim o domínio da diagonal g1-a7, tomando o peão passado numa terrível arma). De uma partida (ainda a decorrer) Sture Nyman-Luís Santos, IX Olympiada / corr. (G. M. I. Sueco jogou aqui 7 Bd2 sendo eu a jogar; uma ideia e 7... Dd4 8. Bc3 Dd3+ com melhor final para as negras).

LUÍS SANTOS

SECÇÃO DE CONSULTA

P. — Depois de 1. e4 e6 2. d4 d5 3. Cd2 Cf6 4. f4 c5 5. exd5, qual a melhor continuação por parte das pretas? Ficam em vantagem.

Luís A. M. Abreu — AMADORA.

R. — 4. f4? é lance sem sentido: só depois de as brancas terem jogado e5 deve ser jogado f4 para apoiar o peão avançado e pressionar no flanco de rei, A 4. f4? as negras devem responder 4... dxe4 ganhando um peão e atacando o Pd4 Também 5. exd5 é errado; sendo 5. e5 o melhor lance. Depois de 5. exd5? as negras ficam em vantagem que eu direi mesmo decisiva tanto com 5... exd5, como com 5... Dxd5. Na segunda variante não é perigosa a posição da dama que pode pressionar o Pd4. Nas duas variantes se vê que, 4. f4 não persegue nenhum objectivo, além de ter enfraquecido irremediável a diagonal a7-g1.

VICTOR SILVA

Um pouco por toda a parte, vai-se multiplicando a actividade deste nosso jogo-ciência. O xadrez, modalidade ainda recentemente só praticada por alguns, está agora a invadir os mais diversos sectores, manifestando-se nas escolas, nos grupos desportivos de trabalhadores, nas colectividades de recreio e cultura.

Distrito de Aveiro

Centro Recreativo de Estarreja — Em altura de realização de um grande número de Campeonatos dos Grupos (aliás obrigatórios no calendário oficial de competições), o C. R. Estarreja levou a efeito a sua prova interna. Estiveram presentes onze jogadores, saindo vencedor António Ferreira, com 9 pontos. O 2.º e 3.º lugares foram para Mário Gomes e José da Costa que somaram 8 pontos.

Torneio Aberto de S. João da Madeira — Com a inscrição de vinte e seis jogadores federados e não federados decorreu o I Torneio Aberto (Individual) desta cidade. A classificação dos seis primeiros foi a seguinte: 1.º A. Luís Costa, 6; 2.º João Esteves, 5 ½; 3.º António Rebelo, 5; 4.º João Silva, 4 ½; 5.º Marina Graça, 6.º; Miguel Leite, 4. A prova foi disputada em sistema suíço e sete sessões.

Distrito de Braga

Café da Oliveira (Guimarães) — Está a efectuar-se, com doze concorrentes, o Torneio Ten. Ernesto Moreira dos Santos, nome de um jovem participante de... 86 anos (!), que pela dedicação com que, apesar da sua bonita idade, ainda pratica a modalidade nos tempos de ócio, bem merece esta homenagem com que os organizadores pretendem distingui-lo.

Corpo Nacional de Escutas — O I Campeonato Interno do C. N. Escutas foi ganho por Alfredo Vasco, que apenas cedeu ½ ponto nas sete partidas jogadas. Em 2.º lugar classificou-se José Santos, com 5. Oito concorrentes.

Distrito de Faro

Clube Desportivo «Os Olhanenses» — Realizou-se o I Campeonato Interno. Inscreveram-se oito jogadores, tendo Fernando Cativo e Tomás Sancho ficado no topo da tabela com 6 pontos. Devido ao melhor Sonneborn, Cativo é campeão interno.

Núcleo de Xadrez de Lagos — Em sistema suíço de cinco sessões decorreu o Campeonato Interno do N. X. Lagos. Classificação: 1.º Armindo Gaspar 4 ½; 2.º Hermenegildo Furtado 4; 3.º Manuel Furtado, 3. Dez concorrentes.

Distrito da Guarda

Grupo de Xadrez da Guarda — Disputou-se no G. X. Guarda a fase preliminar do Campeonato Interno. Vinte e um jogadores divididos por duas séries, A e B, em que triunfaram, respectivamente, António Ferreira e Marino Ferreira, com 100%. A final principal, que já teve início, comporta dez jogadores.

Distrito de Leiria

Bombarral — A secção de xadrez do Núcleo de Iniciação Desportiva levou a efeito o primeiro torneio de propaganda da modalidade. Inscreveram-se vinte e cinco jogadores, ficando os da frente classificados como se segue: 1.º Alberto Viana, 2.º João Matos, 3.º António Santos, 4.º António Monteiro, 5.º Sérgio Simões, 6.º Augusto Viana.

Também o N.I.D. organizou no dia 25 de Abril um Torneio-Convívio comemorativo, pelo sistema suíço em cinco jornadas: 1.º António Monteiro, 4 ½ pontos; 2.º João Matos, 3.º António Santos, 3 ½. Dez participantes.

Distrito de Lisboa

Sintra — O Centro de Cultura Popular de Sintra e o Grupo Desportivo do Pessoal da Mesa efectuaram recentemente dois encontros em dez tabuleiros. Enquanto no primeiro encontro, que se disputou no refeitório da Mesa, se verificou um empate (5:5), no segundo, realizado na sede do C.C.P.S., a equipa da casa conseguiu um concludente 8 ½:1 ½.

Entretanto, no Centro de Cultura Popular está-se a jogar o I Campeonato Interno.

Distrito do Porto

C.D.U.L. — Nova iniciativa dos universitários do Porto, que levaram a efeito o seu IV Torneio Aberto, disputado em sistema suíço de nove sessões.

Inscreveram-se vinte e sete jogadores de seis Grupos, vindo a prova a ser prejudicada pelo elevado número de eliminações. Foi vencedor o bracarense Álvaro Guimarães (8 pontos), tendo-se-lhe seguido: 2.º José Peralta, 7; 3.º Luís Cadillon, 4.º Paulo Marçal, 6; 5.º Duarte Magalhães, 5 ½.

Centro de Iniciação e Difusão Desportiva — Teve lugar o Torneio Interno do C.I.D.D. Vitória indiscutível de Américo Cerqueira, com o máximo dos pontos possíveis (9), seguido de Carlos Figueiredo e Álvaro Sá, respectivamente com 7 e 6 ½.

Clube Propaganda da Nataçao — Dezanove participantes no Campeonato Interno

deste Clube. As cinco sessões da prova, jogada em sistema suíço, foram suficientes para José Moreira, que fez 100 %, se afastar dos restantes competidores. 2.º António Teixeira, 3.º João Santos, 4; 4.º Mário Costa, 3 ½; 5.º Álvaro Horta, 3.

Futebol Clube do Porto — Também o F. C. Porto levou a efeito o seu Campeonato Interno, que foi iniciado por vinte e dois jogadores divididos por duas séries. Série A: 1.º Manuel Matos 5 ½ (em 6); 2.º Fernando Zagalo, 5; 3.º José Abrunhosa, 4 ½. Série B: 1.º Arlindo Vieira, 7 ½ (em 8); 2.º Jorge Antão, 5 ½; 3.º António Carlos, 5. Match para atribuição do título de campeão do clube: Manuel Matos-Arlindo Vieira 2 ½:1 ½.

Distrito de Setúbal

Associação de Alunos da Escola Industrial e Comercial do Seixal — Onze jogadores inscritos no Campeonato Interno. A competição dividiu-se em duas fases, classificando-se nos primeiros lugares da final: 1.º Rogério Fernandes, 5 pontos (100 %); 2.º Gil Tomás, 3.º Velez Ferreira, 2.

Ateneu Popular de Montijo — Este Grupo levou igualmente a efeito o seu Campeonato Interno, que, com nove participantes, se disputou em «poule» — Antero Brotas, Adriano Lucas e António Barreira totalizaram 6 ½ pontos, vindo os critérios de desempate a classificar por esta ordem os referidos jogadores.

Casa do Povo de Corroios — O Campeonato Interno contou com a participação inicial de vinte e quatro jogadores, tendo-se realizado em duas fases. Classificação da série final principal: 1.º Manuel Almeida, 7 pontos (em 7 possíveis); 2.º Joaquim Bajanca, 3.º Filinto Teixeira, 4 ½; 4.º Jorge Gonçalves, 3 ½; 5.º Mário Afonso, 6.º Fernando Ribeiro, 3.

Clube de Instrução e Recreio do Laranjeiro — Também em duas fases decorreu o Campeonato Interno do C.I.R.L., em que se inscreveram catorze jogadores. Os quatro participantes na final classificaram-se pela seguinte ordem: 1.º Artur Gomes, 3; 2.º Fonte Santa, 2; 3.º Ludgero Alves, 1; 4.º Rui Ribeiro, 0.

Restaurante O Saloio — Vinte e quatro foi o número de candidatos ao título de campeão interno, acabando o mesmo por decidir-se através do melhor Bucholz: 1.º José Augusto, 2.º António Quaresma, 6; 3.º Henrique Dionísio, 4.º Victor Pé-Curto, 5.º Rui Amaral, 5; 6.º Armindo Guerreiro, 4 ½. O torneio teve sete sessões.

Torneio Zonal de Almada — Esta prova realizou-se com vista ao apuramento para o Campeonato Distrital Individual, participando trinta jogadores de quatro clubes do concelho. Sistema suíço de sete sessões.



No passado dia 5 de Junho, Rui Silva Pereira e Álvaro Pereira conduziram uma sessão de partidas simultâneas, em que registaram, respectivamente, as marcas de +19=3-1 e +20=2-3.

E a notícia do acontecimento, actualmente quase banal, ficaria por aqui, não fosse a particularidade de se ter realizado em pleno Rossio lisboeta, num dia a que se convencionou chamar do Ambiente.

Tal como sucedeu o ano passado, o xadrez, bem como outras activida-



des desportivas e culturais, desceu à rua, temporariamente liberta de carros, gases, fumos e poeiras. E alguns milhares de pessoas (esquecendo a azáfama do normal viver na cidade, produto acabado da sociedade industrial) acercaram-se dos tabuleiros, perguntaram como se joga o xadrez e ficaram para ver como é.

Fazemos votos de que em muitas localidades e em muitos dias do ano haja xadrez na rua — porque isso é ter a certeza de que a nossa modalidade se encontrará no conhecimento e na linguagem do povo.

Venceu Armando Romão, com apenas 1 ponto perdido. 2.º João Proença, 5 ½; 3.º António Garcia, 4.º Fonte Santa, 5.º Américo Costa, 5; 6.º Domingos Ramos, 7.º Luís Ferreira, 8.º Luís Lopes, 4 ½.

Torneio Zonal de Setúbal — Sistema suíço de sete sessões para dezoito jogadores inscritos. Os melhor classificados foram: 1.º José Bray, 7; 2.º Bernardo Coelho; 3.º João Curado, 4.º António Morais, 5; 5.º Ferreira da Silva, 4.

Diversos

1 Campeonato Nacional Feminino — O Conselho Jurisdicional da F. P. X. considerou improcedente a reclamação de Ilda Miranda referente ao critério usado na atribuição do título (ver R. P. X. n.º 13).

1 Torneio Nacional Aberto de Partidas Rápidas do INATEL — Por ocasião da fase final do Campeonato Nacional de Xadrez por Equipas do INATEL, vai esta entidade organizar um torneio individual de partidas rápidas de cinco minutos, sendo a participação aberta a todos os xadrezistas. A jornada efectuar-se-á em Lisboa, na sede do INATEL, a partir das 21 horas de 24 de Junho.

Campeonatos Nacionais — 1978 representa para o distrito de Aveiro a estreia (uma estreia em força) na organização de competições a nível nacional. Com efeito, a fase final do XXXIV Campeonato Nacional Individual e o XX Campeonato Nacional por Equipas terão lugar respectivamente em S. João da Madeira e Oliveira de Azeméis. A primeira destas provas, que se encontra marcada para fins de Setembro, será organizada em colaboração com o Clube de Campismo de S. João da Madeira. A segunda realizar-se-á em Outubro, com o apoio da Associação de Xadrez de Aveiro.

Torneio Zonal — Notícia de última hora dá como certa a realização do Torneio Zonal II (Masculino) na Praia da Rocha, Algarve. Nesta importante competição da primeira fase do Campeonato do Mundo — talvez a de maior repercussão internacional que desde sempre se realiza em Portugal — têm direito a participar vinte e oito jogadores de dezassete países mediterrânicos e africanos. Entre os presentes estarão cinco grandes mestres jugoslavos. Três jogadores portugueses entrarão na prova, que terá lugar no fim do ano e dará acesso aos Torneios Interzonais.

JOSÉ OLIVEIRA

Torneio Feminino de Budapeste

O tradicional torneio internacional feminino de Budapeste teve em Maia Chiburdanidze a vencedora da sua edição de 1978. Maia fez 11 pontos em 13 possíveis, através de nove vitórias e quatro empates!

Vejamos agora duas partidas: a primeira da vencedora e a seguinte da segunda classificada, a húngara Verezi.

CHIBURDANIDZE-SHIKOVA Francesa

1. e4 e6 2. d4 d5 3. Cd2 dxe4 4. Cxe4 Bd7 5. Cf3 Bc6 6. Bd3 Cd7 7. c4 Cf6 8. Cc3 b6 9. 0-0 Be7 10. De2 0-0 11. Be3 Te8 12. Tad1 Bb7 13. Ce5 Dc8 14. Bf4 Cf8 15. Tfe1 c5 16. d5! exd5 17. cxd5 Cxd5 18. Cxd5 Bxd5 19. Bb5 Td8 20. Txd5 Txd5 21. Cxf7 De6! 22. Ce5 Td4 23. g3 Bf6 24. Bc4 Txc4 25. Cxc4 Dxe2 26. Txe2 Cg6 27. Bd6 Td8 28. a4 Ch8 29. Bc7 Tf8 30. Rg2 Cf7 31. h4 h6 32. Td2 Bd4 33. Bf4 Cd8 34. Te2 Cc6 35. Bd6 Td8 36. Bf4 Rf7 37. h5 Cb4 38. Cd6+ Rf6 39. g4 Cd3 40. Bg3 g5 41. hxg6 Rxg6 42. Te6+ Rh7 43. Te7+ Rg8 44. b3 Bxf2 45. Cf7 Tf8 46. Cxh6+ Rh8 47. g5 Cf4+ 48. Bxf4 Txf4 49. g6 Bd4 50. Th7++.

VEREZI-SHIKOVA Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 Cc6 6. Bc4 e6 7. Be3 Be7 8. De2 0-0 9. 0-0-0 a6 10. Bb3 Dc7 11. Thg1 Ca5 12. g4 Cxb3+ 13. axb3 b5 14. g5 Cd7 15. Dh5 Td8? 16. Cf5! Cf8 17. Bb6! Dxb6 18. Cxe6+ Rh8 19. Dxf7 Cg6 20. Cxg6+ hxg6 21. Tg4 1:0.

Lone Pine 78

O GM dinamarquês Bent Larsen venceu com 7 1/2 pontos o importante torneio de Lone Pine, nos E. U. A., o qual se disputou em sistema suíço de 9 sessões. Na segunda posição classificou-se o soviético Lev Polugaevsky com menos 1/2 ponto.

Dos 68 participantes na prova, 23 eram GMs, o que atesta a força deste torneio, aliás não muito habitual num sistema suíço, o que veio a proporcionar algumas surpresas como a de Brown, que apenas conseguiu 5 pontos, quedando-se entre os 17/30.º.

Também o ritmo de jogo era incomum e algo elevado: 2.30 h para 45 lances.

Eis uma curta selecção de partidas.

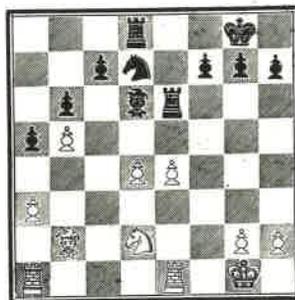
LARSEN-ROGOFF Caro-kann

1. e4 c6 2. d4 d5 3. Cc3 axe4 4. Cxe4 Cd7 5. Cf3 Cgf6 6. Cxf6+ Cxf6 7. Ce5 Cd7 8. Bf4 Cxe5 9. Bxe5 Db6? 10. Bd3 f6 11. Bg3 Be6 12. De2 Bf7 13. 0-0 e6 14. c3 0-0-0 15. Bc4 Te8 16. b4 h5 17. h4 Tg8 18. Df3 Be7 19. a4! g5 20. a5 Dd8 21. a6 gxh4 22. axb7+ Rxb7 23. Txa7+! 1:0.



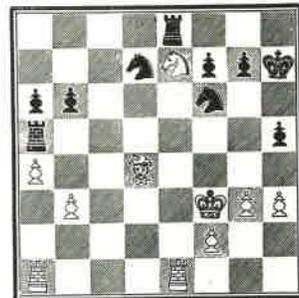
B. Larsen

PORTISH-PETROSIAN



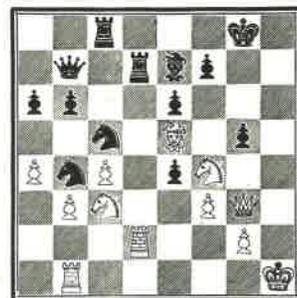
23... Cc5! 24. Cc4 Cxe4 25. Tac1 Bf8 26. Ce5 Cd6 26. a4 f6 28. Cf3 Txe1+ 29. Cxe1 Td7 30. Cf3 Cf5 31. Rf2 h5! 32. Tc2 g5 33. Tc4 Bd6 34. g3 Rf7 35. Cg1 Ce7 36. Ce2 Cd5 37. Bc1 Re6 38. Tc2 Rf5 39. Rf3 g4+ 40. Rf2 Th7 41. Td2 h4 42. Rg2 Re4 43. Td1 Ce3+ 44. Bxe3 Rxe3 45. Cc3 h3+ 0:1.

POLUGAEVSKY-RESHEVSKY



27. b4! Tg5 28. Rf4 Rh6 29. Cf5+ Rg6 30. Ch4+ Rh6 31. Txe8 Cxe8 32. Cf5+ Rg6 33. Ce7+ Rh6 34. Tc1 Cf8 35. Be3! Cg6+ 36. Rf3 Cxe7 37. h4 Cd5 38. Tc6+ Rh7 39. hxg6 b5 40. Txa6 1:0.

PETERS-BROWN



29. Cxe6 fxe6 30. Dh3 Bf6 31. Txd7 Cxd7 32. Dxe6+ Rg7 33. Cxe4 Bxe5 34. Td1 Tc7 35. Cxg5 Bf6 36. Df7+ Rh6 37. Txd7 Rxg5 38. Txc7 Db8 39. f4+ Rf5 40. g4+ Re4 41. De6+ Rf3 42. Th7 Dxf4 43. Th3+ Rf2 44. Th2+ Rg3 45.. De1+ Rxg4 46. Dg1+ 1:0.

«Costa del Sol»

O campeão nacional de Espanha Juan Manuel Bellon venceu o torneio internacional da Costa del Sol, em Torremolinos, fazendo simultaneamente a sua segunda norma para grande mestre, e confirmando a sua latente subida de forma.

Bellon relegou assim os categorizados grandes mestres suecos e americano, Andersson e Tarjan, para segundo e quarto lugar respectivamente. De destacar a excelente classificação dos espanhóis Sanz (3.º) e Rivas (5.º) num torneio que contava ainda com a participação de dois americanos, um romeno, um jugoslavo, um sueco, um canadense e outros dois jogadores do país vizinho para além do nosso MI Joaquim Durão.

O nosso compatriota obteve um natural 10.º posto se atendermos à força real dos restantes participantes.

Classificação: 1.º, Bellon 8 1/2; 2.º, Andersson e Sanz, 7 1/2; 4.º, Tarjan, 7; 5.º, Rivas, 6 1/2; 6.º, Pavlov, 6; 7.º, Pia-

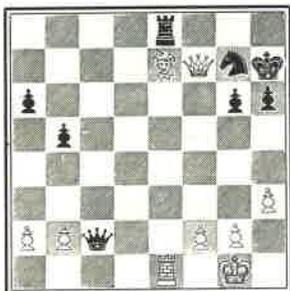
ACIONAL

setsky, 5 1/2; 8.º, Diesen e Damjanovic, 5; 10.º, Durão, 3 1/2; 11.º, Rios e Duran 2.

BELLON - ANDERSSON

Caro-kann

1. e4 c6 2. d4 d5 3. Cc3 g6 4. h3 Bg7 5. Cf3 dxe4 6. Cxe4 Cd7 7. Bd3 Cgf6 8. De2 (8. Cxf6!?) 0-0 9. 0-0 Te8 10. Te1 Cxe4 11. Dxe4 c5 12. Bg5 Cf6 13. Dh4 cxd4 14. Tad1 a6 15. Bc4 h5 16. Txd4 Db6 (16... Dc7!) 17. Bb3 Ch5 18. Tde4 h6 19. Bxe7 Bb7 20. Ce5! Bxe4 21. Bxf7+ Rh7 22. Dxe4 Bxe5 23. Bxe8 Txe8 (23... Bg3 24. Bc5! Dxc5 25. Dxc6+) 24. Dxe5 Cg7 25. Dd5 Dc7 26. Df7 Dxc2.



27. Te6! (se 27. Bf6?? seguir-se-ia Txe1+ 28. Rh2 Th1+! 29. Rxh1 29. — Rg3? Dd3+ 30. f3 Dd6+ 31. f4 Dxf6! — Dc1+ 30. Rh2 Df4+ empatando) g5 28. g3! Df5 29. Bf6 Dg6 30. Dxc6+ Rxc6 31. Txe8 Cxe8 32. Be5 Rf5 33. h4 h5 34. h4! gxh4 35. gxh4 Cf6 (ou 35... Rg4 36. Rf2 Rxh4 37. Rf3) 36. Bxf6 Rxf6 37. Rf2 Rf5 38. Rg3 b4 39. Rf3 a5 40. b3 1:0.

Cuba

O III. torneio internacional organizado em Havana sob o nome de «Juventude Rebelde» teve no terceto J. Nogueiras, J. L. Vilela e GM Guillermo Garcia os seus vencedores ex-aequo, os quais perfizeram 12 1/2 pontos.

O torneio contou com 18 participantes todos eles da América Central e do Sul.

Dortmund

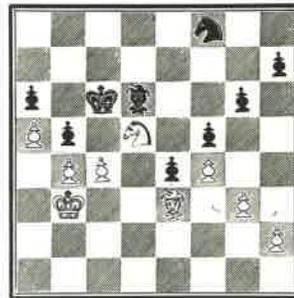
O GM Ulf Andersson, da Suécia, após um 2.º lugar no Torneio da Costa del Sol, venceu o festival internacional de Dortmund. A campeã do mundo, em boa forma obteve o 2.º posto.



U. Andersson

Classificação final: 1.º, Andersson (Suécia), 8; 2.º, Gaprindashvili (URSS) e Keene (Inglaterra), 7 1/2; 4.º, Gipsilis (URSS), Tatai (Itália) e Farago (Hungria), 7; 7.º, Wirtenson (Suíça), 5 1/2; 8.º, Borngasser (RFA) e Marjanovic (Jugoslávia), 4; 10.º, Andre (RFA) e Tomié (Jugoslávia), 3; 12.º, Kirzek (RFA) 2 1/2.

GAPRINDASHVILI-ANDERSSON

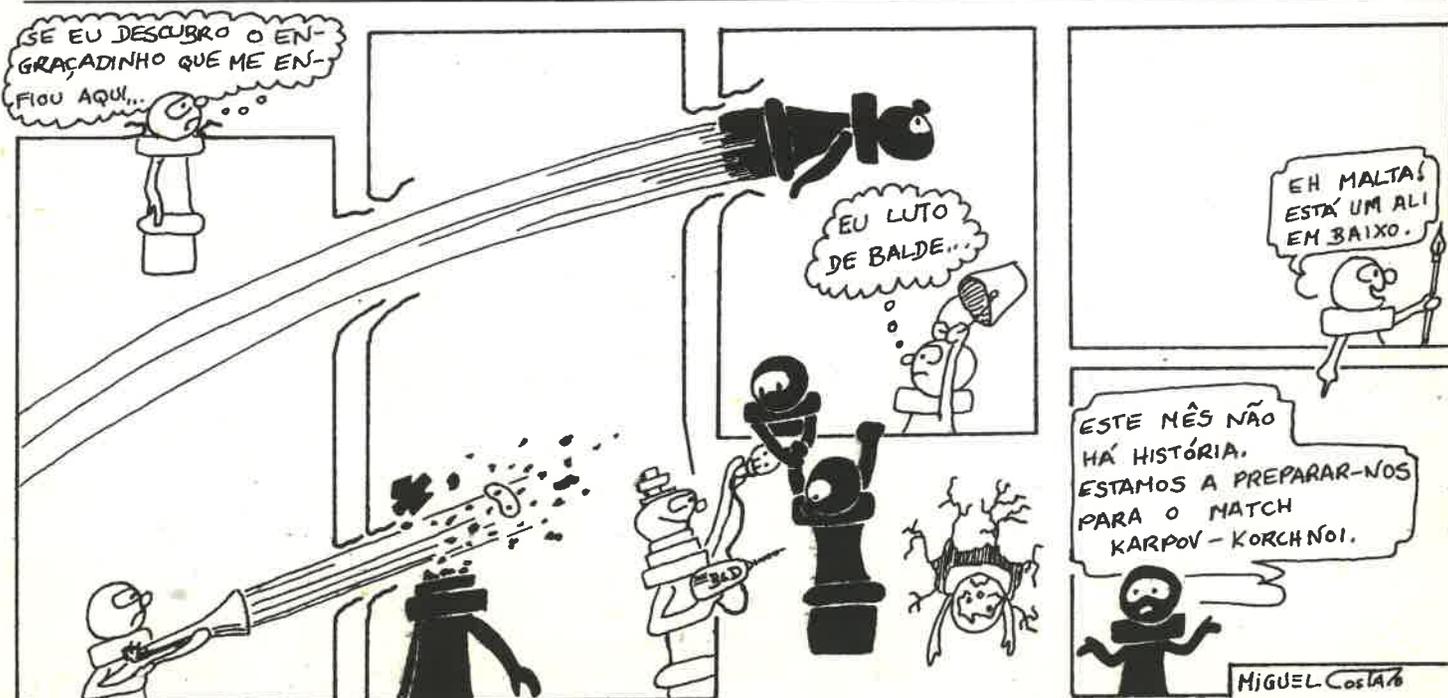


34. cxb5+ Rxd5 35. bxa6 Ce6 36. a7 Cc7 37. b5 1:0.

ANDERSSON-TATAI

Holandesa

1. Cf3 f5 2. g3 Cf6 3. Bg2 g6 4. c4 Bg7 5. Cc3 0-0 6. d4 d6 7. d5 c6 8. 0-0 e5 9. dxe6 Bxe6 10. Dd3 Ca6 11. Bf4 d5 12. Cg5 Cc5 13. Dc2 d4 14. Ca4 Cfd7 15. Tad1 h6 (15... De7) 16. Cxc5 Cxc5 17. Cf3 g5 18. Cxd4 Bxd4 19. Be3 Bxe3 20. Txd8 Bxf2+ 21. Txf2 Taxd8 22. h4 gxh4 23. gxh4 Td4 24. Bf3 Rh7 25. Tg2 Ce4 26. Db3 Tf7 26. De3 c5 28. b3 Bd7 29. Bxe4 fxe4 30. Dg3 1:0



OS CAMPEONATOS DISTRITAIS

Tiveram início os vários Campeonatos Distritais Individuais. Com a aprovação, em Janeiro passado, do novo Regulamento das Competições e dos Participantes da F. P. X., estas provas passaram a determinar o apuramento para a fase preliminar do «Nacional», além dos campeões distritais, de um total de quinze jogadores «em número proporcional ao de jogadores inscritos na época anterior através dos Grupos de cada distrito».

Assim sendo, e para além do factor dinamização que sempre envolvem, ganharam uma nova dinâmica ao nível de quase todas as Associações (e particularmente daquelas que têm mais jogadores), uma vez que a luta tradicional para o título se estendeu à luta também para os lugares imediatos.

Apresentamos hoje notícias dos Distritais de Braga e Lisboa, esperando publicar nos próximos números reportagens dos restantes Campeonatos.

Palhares campeão de Braga



O Campeonato de Lisboa dia a dia

O desenvolvimento do xadrez nacional estava a precisar de uma prova assim: um elenco numeroso e heterogéneo, abrangendo um conjunto de valores como raramente é possível reunir, alto espírito competitivo e uma ambiência própria das excelentes instalações em que se disputou. Poderá alegar-se que nessa heterogenia está implícito um desequilíbrio de valores expresso nas diferenças de «Elo» — uns tantos acima dos 2000 pontos e não poucos abaixo dos 1500. Errado? Talvez, do ponto de vista estritamente técnico. Sabe-se que, por força da orgânica vigente, nas eliminatórias que constituíram os torneios internos dos clubes, não foram apurados muitíssimos jogadores com cotação superior à de uma boa parte dos concorrentes.

Mas o xadrez em Portugal atravessa uma fase de motivação nas camadas intermédias. Essa miscelânea encerra assim vastos motivos de interesse, em certa medida positivos. Embora longe do ideal, é uma orgânica que se enquadra na actual política de fomento da modalidade. Susceptível de aperfeiçoamento em próxima etapa. Mas, de momento, considerando factores de diversa ordem — incluindo a motivação nos torneios internos dos grupos — servindo bem os desígnios.

A verdade é que o Campeonato de Lisboa-78 foi um êxito, sob múltiplos aspectos. Viveu-se um clima de alta-competição,

produziram-se boas partidas, foi espectacular — deu-se um passo em frente.

Provou-se que temos uma juventude com potencialidades muito apreciáveis. E que — é importante — os mais experientes não estão ultrapassados. Desta simbiose resulta uma força maior. Aos jovens não se depara caminho fácil, como terreno conquistado, mas a desejável «endurance». Será bom para todos — jovens, menos jovens e veteranos. Cremos que é bom para o xadrez nacional, no seu todo.

O Campeonato de Lisboa foi disputado nas magníficas instalações da Mobil Portuguesa, pelo sistema suíço em onze sessões. Eram 98 os inscritos inicialmente, três não se dispuseram a comparecer (e isso é que foi lamentável, se pensarmos no que foi a luta acérrima em alguns clubes pelos lugares disponíveis de acesso...) e ao longo da competição mais 18 foram eliminados. O que, em qualquer torneio, e em especial nos «suíços», tem implicações desagradáveis, até por causa dos sistemas de desempate, que assim se tornam uma autêntica lotaria.

Na primeira jornada, e reportando-nos apenas aos nomes mais sonantes, apenas uma semi-surpresa: o empate imposto pelo juvenil da Académica da Amadora, António Frois, no «internacional» acelistista Carvalho e Rego.

Na segunda jornada, mais dois empates a mostrarem que não seria fácil a vida dos mais cotados: Joaquim Aníbal, sub-campeão do Benfica, empatou com Tomás de Almeida e o campeão nacional de juvenis, Fernando Sequeira, também não conseguiu melhor com Filipe Romeiras.

E o estreante do Benfica, Eduardo Casimiro, que já antes tinha vencido o antigo campeão nacional corporativo Branco de Almeida, alcança segundo ponto com outro experimentado, Mário Silva Araújo.

Na terceira ronda, um dos guias (eram vinte nesta altura) e aquele que era o mais pontuado do torneio no «Ranking Elo», José Pereira dos Santos, cede o primeiro meio ponto, frente a Luís Ochoa.

O mesmo resultado no jogo António Fernandes e Eduardo Casimiro, enquanto outros benfiquistas, Tomé Duarte e Rodolfo Lavrador tinham sorte diversa — respectivamente vitória sobre António Pereira dos Santos e derrota frente a António Faria. Este xadrezista, ex-jogador do Benfica, viria a ser a «sombra negra» dos seus antigos companheiros de clube, pois manteve-se invicto nos vários encontros que teve com eles...

Iniciaram a quarta jornada, oito jogadores só com vitórias — e os seus resultados foram: João Sequeira-Rui Silva Pereira 1/2:1/2; Tomé Duarte-Luís Santos, 0:1; Luciano de Almeida-João Cordovil, 0:1; João Faria-Manuel Valadares, 0:1.

O III Camp. Individual de Braga constituiu mais um passo em frente na divulgação da modalidade, mesmo considerando o decréscimo de jogadores actuaes em vista da saída do Viana Taurino Clube (que se integrará no Distrital de Viana do Castelo) e da não participação dos vimaranenses. Cinco clubes, dos quais dois novos nestas andanças, são um bom prenúncio, e apenas se deseja

que eles apareçam ainda em maior número.

Campeonato bem disputado até à oitava jornada, sendo que aí um «deslize» de Álvaro Guimarães entregou praticamente o título a Pedro Palhares, anterior campeão. Manuel Coelho, jogando seguro, poderia ter conseguido mais, tendo obtido na partida com A. Guimarães excelente posição que, a ser concretizada em vitória,

lhe permitiria o acesso ao match de desempate para o 1.º lugar.

José Monteiro (16 anos) e Orlando Neves (17) surgiram um pouco surpreendentemente nos lugares da frente na sua luta pela qualificação para o Nacional de Juniores. De registar que na 8.ª e 9.ª sessões eles ganharam a Álvaro Guimarães, ainda na senda do título.

		I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
1.º Pedro Palhares	FAC	23 1	19 2	9 3	11 4	2 5	4 5	3 6	5 7	7 8
2.º Manuel Coelho	GXB	29 1	3 2	16 3	27 4	1 4	7 5	4 5½	11 6½	10 7½
3.º José Monteiro	GXB	21 1	2 1	2	8 3	5 4	10 5	1 5	4 6	11 7
4.º Álvaro Guimarães	GXB	15 1	10 2	24 2½	9 3½	11 4½	1 5½	2 6	3 6	5 6
5.º Orlando Neves	FAC	1	6 1	15 2	24 3	3 3	14 4	12 5	1 5	4 6
6.º Sérgio Neves	FAC	22 1	5 2	11 2	10 2	16 2½	17 3	27 4	12 5	13 6
7.º Rui Marques	GDC	20 1	11 1	25 2	21 3	19 4	2 4	24 5	9 6	1 6
8.º Luís Andrade	CRDB	12 1	24 1	28 2	3 2	30 3	9 3	14 4	25 5	16 6

9.º António Ribeiro, 10.º C. Nunes — 5½. 11.º Adr. Araújo, 12.º C. Veloso, 13.º P. Cardoso, 14.º J. Silva, 15.º J. Rocha — 5. 16.º Alb. Araújo, 17.º G. Pereira, 18.º M. Zamith — 4½. 19.º F. Vale, 20.º J. Andrade, 21.º D. Pereira, 22.º C. Mesquita, 23.º A. Lourenço — 4. 24.º A. Machado, 25.º A. Vasco, 26.º J. Moreira — 3½. 27.º F. Macedo Jr., 28.º A. Pinto, 29.º J. Rego — 3. 30.º A. Carvalho — 2½. 31.º Alex. Ribeiro — 1½. Eliminados: J. Sousa, V. Sousa, A. Sousa.

Com menos meio ponto, jogaram: José P. Santos-José Vinagre, 0:1 (um contraste curioso do actual campeão nacional de juniores com um dos mais veteranos jogadores da prova, mestre José Vinagre, antigo sub-campeão nacional e «olímpico»); Carvalho e Rego-Luís Ochoa, 0:1; Fernando Sequeira-António Fernandes, 0:1 (desforra em relação ao último «Nacional» de juvenis...) e Eduardo Casimiro-Joaquim Aníbal, 0:1.

A quinta jornada começou já a fazer «fáscia»: Luís Santos vence João Cordovil; quatro vitórias das pretas nos jogos Valadares-José Pereira dos Santos, Silva Pereira-António Fernandes, Joaquim Aníbal-João Sequeira, Luís Ochoa-António Pereira dos Santos. O equilíbrio de valores é manifesto...

Sexta jornada — equivalente a meio da prova. José Pereira dos Santos e António Fernandes mantêm-se invictos — o pri-

meiro vencendo Luís Santos e o segundo, empatando com João Sequeira. João Cordovil perde pela segunda vez consecutiva com Renato Pereira. O antigo campeão nacional estava tão premido pelo tempo que não viu que podia dar mate em alguns lances...

Nas restantes mesas principais (o que, como se sabe, nos «suíços» definem as posições classificativas dos concorrentes), os resultados foram os seguintes: Rodolfo Lavrador-Manuel Valadares, 0:1; António P. Santos-João Faria, 1:0; Araújo Pereira-Silva Pereira, 0:1; Carvalho e Rego-Renato Figueiredo, 1/2:1/2; Luís Leal-Joaquim Aníbal, 0:1; Silva Araújo-Luís Ochoa, 0:1; Júlio Santos-Fernando Alves, 1:0.

Sétima jornada. Na mesa 1, empatam em poucos lances os irmãos Pereira dos Santos. Pelo que o José é alcançado na «liderança» (6 pontos) por Luís Santos e António Fernandes, vencedores respecti-

vamente de João Sequeira e Joaquim Aníbal.

João Cordovil, que baixara à mesa 7, enceta a sua brilhante recuperação, batendo Aníbal Cordeiro. Ao invés, Manuel Serra, que ocupara a mesa 6, perde com Rui Silva Pereira. Américo Rebordão vence Carvalho Rego que decididamente não está em boa forma. E Carlos Monteiro ganha a Tomé Duarte, ao cabo de cerca de onze horas de jogo...

Não é fácil a vida neste campeonato de Lisboa!...

Oitava jornada: os guias invictos, José Pereira dos Santos e António Fernandes empatam. Luís Santos isola-se, assim, no comando, ao vencer Silva Pereira.

Alberto Fernandes, Renato Pereira, João Cordovil e Luís Ochoa continuam a recuperar: vitórias respectivamente sobre Manuel Valadares, João Sequeira (cada vez mais irregular...), Américo Rebordão e Carlos Monteiro.

Nona e antepenúltima jornada. Mesa 1: Luís Santos enceta uma série de empates que viria a arrebatar-lhe o título que muitos já lhe vaticinavam. Adversário: António Pereira dos Santos. Outro empate na mesa 2: Renato Pereira-José Pereira dos Santos. Mesa 3: João Cordovil confirma a recuperação, ganhando a António Fernandes. Mais empates a definir a tendência para segurar posições conquistadas: Silva Pereira-Luís Ochoa, Manuel Valadares-Renato Figueiredo e Joaquim Aníbal-João Faria. Afinal, estes viriam a ser arredados do apuramento... Neste último aspecto, factais foram as derrotas de Alberto Fernandes, Júlio Santos e Carvalho e Rego frente a Rodolfo Lavrador, Luís Leal e José Morgado.



Uma imagem do Distrital de Lisboa

Décima jornada e penúltima jornada. Cada vez mais quente... Mesa 1: Luís Santos, «leader» isolado (7:½ pontos luta valorosamente pela conquista do ponto, contra Renato Pereira ganha vantagem no final, mas o «alekhinista» não cede no adiamento. Empate. Primera (e única) derrota de José Pereira dos Santos, no jogo com João Cordovil.

Entretanto, António Pereira dos Santos vence brilhantemente Rodolfo Lavrador, e Silva Pereira ganha a Luís Leal, assim como José Morgado a Manuel Valadares, Joaquim Aníbal a Correia Lopes e Renato Figueiredo a Jesus Coelho. João Sequeira e João Faria empatam.

Entra-se na derradeira jornada. Não apenas o título em jogo, mas oito lugares também, de acesso ao «Nacional» cobiçado por uma vintena de jogadores. Muito dependeria do «Bucholz»...

Nas duas primeiras mesas a luta pelo título. De novo, Luís Santos a tentar ganhar. O seu homónimo Ochoa — que precisava do meio ponto, no menos, para se safar das complicações dos múltiplos iguados com 7 1/2 — a contrariar-lhe as tentativas, não só na sessão inicial, como em dois adiamentos. Luís Santos, com um peão à maior, mas com bispos de diagonal contrária, ainda tenta a «chance» de trocar o bispo por peões, mas Ochoa foi tão tenaz como ele. Empate foi o resultado — conferindo o título a João Cordovil, assim vencedor isolado.

Foi empolgante a partida deste com António Pereira dos Santos, ambos com oito pontos e candidatos ao título. Chegou a haver espectadores empoleirados em cima das cadeiras... Cordovil dominava os

acontecimentos, quando António Pereira dos Santos, contra-atacou — ambos com as setas levantadas... Caiu a do António — título disputado no «sprint» . . .

Outros resultados que poderiam influir nos lugares-chave de apuramento: Silva Pereira vencido por Renato Pereira, que assim se qualificou para o «Nacional». José Pereira dos Santos «arreda» Renato Figueiredo (1:0); Joaquim Aníbal-José Morgado, ambos com 7 pontos, a «obrigação» de ganhar... O primeiro, com dama e sem torres, perde no adiamento.

João Sequeira, outra eliminação inesperada — frente a Silva Araújo, o qual fica na «maralha» dos 7 1/2 pontos, tal como o Dr. Rodolfo Lavrador, vencedor de Bento Leal, António Fernandes, vencedor por falta de comparência do seu irmão Alberto, Silvério Pereira e Eduardo Casimiro, que ganharam respectivamente a Carlos Monteiro e Manuel Valadares. Do lote só João Faria e Manuel Serra empataram ficando ambos fora do grupo de aspirantes ao «Nacional».

De permeio com tudo isto, surgiu a dúvida do «Bucholz não compensado» ser legalmente aplicável num «torneio suíço» com tantos concorrentes e eliminações a tornarem o sistema de desempate numa autêntica lotaria. Mas o Regulamento da prova — mal ou bem — era explícito: «Bucholz não compensado», como manda o novo regulamento federativo das competições (e que, como se sabe, já originou um recurso para o Conselho Jurisdicional, referente ao I Campeonato Nacional Feminino).

Ao cabo, a Associação de Xadrez de



João Cordovil

Lisboa estabeleceu a classificação final, como se mostra no quadro.

Temos pois, que João Cordovil — que esta época regressou à actividade normal no âmbito nacional, depois de representar durante alguns anos a Olot, em Espanha (ainda em Janeiro deste ano ganhou com cem por cento o campeonato daquela cidade) sagrou-se campeão de Lisboa.

Regresso auspicioso este, que vale, sobretudo, pela valorização que pode conferir às nossas competições, mercê da sua experiência internacional, e um estímulo mais para a juventude do nosso xadrez.

VASCO SANTOS

	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI
1 João Cordovil	1	7 2	11 3	41 4	2 4	3 4	35 5	42 6	8 7	4 8	5 9
2 Luís Santos	1	31 2	16 3	21 4	1 5	4 5	20 6	13 7	5 7½	3 8	6 8½
3 Renato Pereira	55 1	37 2	41 2	39 3	21 4	1 5	33 5½	20 6½	4 7	2 7½	13 8½
4 José P. Santos	62 1	23 2	6 2½	22 3½	33 4½	2 5½	5 6	8 6½	3 7	1 7	17 8
5 António P. Santos	1	50 2	21 2	7 3	6 4	14 5	4 5½	33 6½	2 7	9 8	1 8
6 Luís Ochoa	54 1	40 2	4 2½	57 3½	5 3½	12 4½	34 5	24 6	13 6½	8 7½	2 8
7 José Morgado	1	1 1	43 2	5 2	3	3	58 4	56 5	57 6	33 7	15 8
8 António Fernandes	1	18 2	10 2½	19 3½	13 4½	20 5	15 6	4 6½	1 6½	6 6½	23 7½
9 Rodolfo Lavrador	43 1	42 2	14 2	32 3	41 4	33 4	18 4½	27 5½	23 6½	5 6½	25 7½
10 Eduardo Casimiro	29 1	12 2	8 2½	15 2½	30 2½	59 3	40 4	5	41 5½	57 6½	33 7½
11 Silvério Pereira	1	2	1 2	42 3	14 3	18 3	4	28 4½	35 5½	27 6½	24 7½
12 Mário Silva Araújo	61 1	10 1	51 1½	45 2½	44 3½	1 3½	38 3½	4½	5½	46 6½	20 7½
13 Rui Pereira	51 1	27 2	34 3	20 3½	8 3½	36 4½	16 5½	2 5½	6 6	25 7	3 7
14 João Faria	1	17 2	9 3	33 3	11 4	5 4	30 5	34 5½	15 6	20 6½	16 7
15 Joaquim Aníbal	1	1½	28 2½	10 3½	20 3½	25 4½	8 4½	37 5½	14 6	18 7	7 7
16 Manuel Serra	1	35 2	2 2	37 3	27 3½	23 4½	13 4½	18 5	24 5½	44 6½	14 7
17 Renato Figueiredo	47 1	14 1	46 2	40 3	35 3½	57 4	4½	38 5½	33 6	26 7	4 7
18 Carlos Correia Lopes	1	8 1	2	12 2½	22 3	11 4	9 4½	16 5	21 6	15 6	34 7
19 Fernando Sequeira Jr.	56 1	48 1½	2½	8 2½	38 3	42 3	49 3	4	5	59 6	37 7
20 João Sequeira	1	32 2	25 3	13 3½	15 4½	8 5	2 5	3 5	42 6	14 6½	12 6½

21.º Tomé Duarte, 22.º José Vinagre, 23.º Alberto Fernandes, 24.º Carlos Monteiro, 25.º Luís Bento Leal, 26.º Jesus Coelho, 27.º Fernando Alves, 28.º José Rodrigues, 29.º José Branco de Almeida, 30.º Fernando Sequeira, 31.º Raul Lopes, 32.º António Cardoso, todos com 6½ pontos; 33.º Manuel Valadares, 34.º Júlio Santos, 35.º Vítor Cordeiro, 36.º Araújo Pereira, 37.º António Vilaça, 38.º Jorge Garrana, 39.º Mário Santos, 40.º António Papino, 6 pontos; 41.º Luciano de Almeida, 42.º Américo Rebordão, 43.º Valdemar Lopes, 44.º José da Costa Cabral, 45.º César Cardoso, 46.º António Fróis, 47.º Michael da Silva, 48.º Filipe Romeiras, 49.º Carlos Moysan, 50.º Álvaro Fernandes, 51.º Anthony Pringsheim, 52.º António Diniz, 53.º João Ferreira, 54.º Manuel Xavier, 55.º Hélder Araújo, 5½ pontos; 56.º Domingos Correia, 57.º Francisco Carvalho e Rego, 58.º Alexandre Dias, 59.º Alberto Silva, 60.º Carlos Pardeilhas, 61.º José Bramão, 62.º Carlos Costa, 63.º Manuel Saraiva, 5 pontos, até um total de 80 concorrentes.

1. d4 d5 2. e3

(Prenúncio de pacata abertura; 2. c4, em favor do posicional gambito de Dama e sistemas afins considera-se o correcto)

2... c5

(Para maior segurança deve jogar-se: 2... Cf6 preparando «c7-c5» com «e7-e6»).

3. c3

(Remarcando o sistema Colle; uma receita antiga, menos inofensiva do que aparenta ser, principalmente nas mãos de um especialista. Seria de considerar: 3. dxc5 Cc6 4. c4, e as brancas entrariam num gambito de Dama aceite — de cores invertidas! — com um precioso tempo de vantagem).

3... Cc6 4. f4

(Afinal uma formação típica das pretas, conhecida por «muro-de-pedra» e jogável na defesa holandesa — 1. d4 f5, etc. — no caso de: 4. dxc5 a5 com ideia de: 5. Bb5 e6 6. b4?, axb4 7. cxb4, Df6 8. Dd4 Dg6, e ainda que por ameaças um tanto primárias o jogo tem elementos táticos de tom bastante divertidos).

4... Ch6!

(Aconselhável é: 4... Cf6 mas o lance do texto pretende satisfazer o plano de desenvolvimento que se segue, e para esse é o mais corrente).

5. Be2 Bf5 6. Cf3

(A opção: 6. Cbd2, daria ao jogo um carácter mais tenso).

6... Bxb1

(Este Bispo seria desvantajoso para a estrutura de Peões das pretas, e o par de Cavalos brancos, neste tipo de posições, uma ameaça constante).

7. Txb1 e6 8. 0-0 Be7 9. Ce5 0-0 10. Bd3

(O avanço: 10. g4, conquistaria espaço mas à custa de umas tantas debilidades, cujo ataque ao roque não parece suficientemente incisivo para delas se desfazerem).

10... f5 11. Cxc6 bxc6 12. Da4 Dc7 13. b3 g5 14. dxc5?

(Bom seria: 14. Ba3, sem indecisões).

14... Bxc5 15. Be2

(Isto já perde um Peão, evidentemente que: 15. fxc5?, Cg4, etc., mas a alternativa: 15. b4 Bb6!? 16. c4!, é francamente jogável, pelo que as pretas se deveriam contentar a retirar o Bispo para «d6» ou «e7» sem ganho de material).

15... g4 16. c4

(Se: 16. b4 Db6 explorando a situação da Torre).

16... Db6 17. cxd5 Bxe3+ 18. Rh1 cxd5 19. Bb2 d4 20. Tbd1 Tad8 21. Dc4 Tf6! 22. Ba3

(Para: 22. Td3 Tf7! 23. Tfd1 Tc7! — mas não: 23... Tfd7 24. Txe3! dxe3 25. Txd7 Txd7 26. Dc3!, com compensação pela qualidade — 24. Da4 Tc2 25. Bxd4 Txe2! — melhor do que: 25... Bxd4 26. Txd4 Txd4 27. Txd4 Tc1+ para o final — 26 Bxb6 Tx3 27. Tf1 — ou: 27. Bxe3 Txd1+ 28. Bg1 Tee1 com fácil vitória —

27... Bxb6 e com a Dama por Torre, Bispo e Cavalos as pretas ganham).

22... Cf7! 23. Bc5

(Errado seria: 23. Be7 Th6 24. Bxd8 Dxd8 25. h3, Da8 26. Rh2 g3+ 27. Rxc3 Tg6+ 28. Bg4 fxc4 29. h4 Cd6 30. Dd3 Cf5+ 31. Rh2 g3+ 32. Rh1 Dd8 em vésperas de mate).

23... Dc7 24. Bb4

(No caso de: 24. Db4 Th6 25. Bxd4... Bxf4 26. Bg1 Bxh2 sem dificuldades).

24... Db7 25. Bc5?

Relativamente bom seria 25. Bd2, depois do qual — por análises realizadas — estou ainda em dúvida do que poderá considerar-se como melhor para as pretas. Atendendo a que, nesta fase do jogo, as pretas deveriam procurar um caminho com aspirações de vitória... Durante a partida, pensava em: 25... Cd6! 26. Dd3 Bxd2 27. Dxd4! Tff8 — em caso de: 27... Th6 28. Txd2 g3 29. Bf3 Txx2+ 30. Rg1 De7 31. Tfd1 Dh4 32. Rf1, para eventual final, ou mesmo: 29. Bc4 com meio-jogo extremamente complicado — 28 Dxd2 Ce4 29. Dc2 — o sacrifício: 29. Dxd8 Txd8 30. Txd8+ Rf7 e apesar de terem cedido a Dama por duas Torres, o ataque das pretas é suficiente para superar favoravelmente a diferença — 29... Txd1! 30. Bxd1 — o razoável — 30... Td8 com excelente vantagem posicional. Ter-se-iam as coisas passado assim? Magnífica incerteza esta, a do xadrez!.

25... Th6 26. Bxd4 g3 e as brancas abandonaram.

O mate resulta imparável: depois de: 27. Bxe3 Txx2+ 28. Rg1 Dxc2 mate: impossível será: 27. h3 Txx3 mate! e no caso de: 27. Bf3 Txx2 mate, simplesmente.

(comentários de JOÃO CORDOVIL, in «Jornal Novo»)

ANTÓNIO P. SANTOS M. VALADARES

Catalã

1. d4 d5 2. c4 e6 3. Cf3 Cf6 4. g3 Be7 5. Bg2 0-0 6. 0-0 b6 7. Ce5 Bb7 8. Cc3 Dc8 9. cxd5 exd5 10. Bg5 De6 11. Tc1 a6 12. Db3 Td8 13. Cd3 Df5 14. Bf4 Bd6 15. Bxd6 Txd6 16. Cf4 Dd7 17. Tfd1 Cc6 18. Ccx5 Cxd5 19. Cxd5 Ca5 20. Txc7 Dd8 21. Ce7+ Rh8 22. Dxf7 Bxc2 23. Cf5 Tg6 24. Rxc2 Df8 25. Dxf8 Txf8 26. e4 b5 27. b3 Tgf6 28. f4 1:0

R. LAVRADOR-ANTÓNIO P. SANTOS

Siciliana

1. e4 e6 2. d4 c5 3. Cf3 cxd4 4. Cxd4 Cc6 5. Cb5 d6 6. Bf4 e5 7. Be3 a6 8. C5c3 Cf6 9. Cd5 Cxd5 10. exd5 Ce7 11. c4 Cf5 12. Bd2 Be7 13. Bd3 Ch4 14. 0-0 f5 15. Cc3 0-0 16. b4 e4 17. Be2 Bf6 18. Tc1 Be5 19. c5 Cxc2 20. Rxc2 Dh4 21. Th1 f4 22. Cxe4 Bh3+ 23. Rg1 Tf5 24. Tc4 Tg5+ 25. Cg3 fxc3 0:1

SOLUÇÕES

COMBINAÇÕES

40 (DORFMAN - ROMANISHIN) 1... Bxf3+! e as brancas abandonam.

41 (O'KELLY - DEVOS) 1... Dxf2+!! 2. Rxf2 Cg4+ 3. Rf3 e4+! 4. Rxe4 Cdf6+ 5. Rf3 Ce5+ 6. Rf2 Cfg4+ 7. Rg1 Be3++

42 (KEENE - MILES) 1. Cxg6 hxg6 2. Bxg6 fxc6 (se 2... Bf8 3. Bc2+ Rh8 4. Bxf8 Txf8 5. Dd2 Cg8 6. Th3+ Rg7 7. Th7+ Rf6 8. d5 ou se 2... Bd6 3. Bxf7+ Rxf7 4. Tg7+ Rf8 5. Df3) 3. Db1! Ce5 4. dxe5 Ce4 5. Cxe4 Rh7 6. Cf6+! e as brancas ganham (se 6... Bxf6 7. Dxc6+ Rh8 8. Bg7+ Bxc7 9. Dxc7+).

ESTUDOS FINAIS

40 (TROITZKY e KUBBEL). 1. Dc1+ Ra4 2. Dc4 Dd8 3. Da6+ Da5 4. Cb6+ axb6 5. Dc4!; se 3... Rb3 4. Da2+ Rc3 5. Dc2+

41 (H. RINCK). 1. Ce7+ Rh7 2. Cg5+ Rh8 3. Bd4 Df4 (d6)+ 4. Rg6 (f7)+ Dxd4 5. Cf7 (g6)++

42 (A. HILDEBRAND). 1. e8D Dxe8 2. Dxc7+ Rxc7 3. Dxc2 c1D 4. De5 Dxe5 ½:½; se 3... c1T 4. Dd2+.

PROBLEMAS

40 (ELLERMAN). O primeiro prémio ganho por este Grande Mestre do problema. 1. Df3!, permitindo xeque. 1... exf3+ 2. Be3++; 1... Re5 2. Th5++; 1... Rc4 2. Cb6++; 1... Td6 2. Dxe4++; 1... Te5 2. Db3++. Um belo problema de doze peças, «Meredith».

41 (A. CHÉRON). Ensaio: 1. Dd6? Ta4 2. Da3+ Rd2. Solução: 1. Dh2 ameaça 2. De2 (se 1... Tb4 2. Dh6+); 1... Tg2 2. Dd6 Td2 3. Da3++. Tema Romano negro.

42 (JAENISCH). Curiosa manobra das brancas. 1. Bg8+ Rh8 2. Th3+ Dh4 3. Tg1 Dh5 4. Th4 Dh6 5. Th5 Dh7 6. Th6 Dxc6++.

O MEU MELHOR SACRIFÍCIO

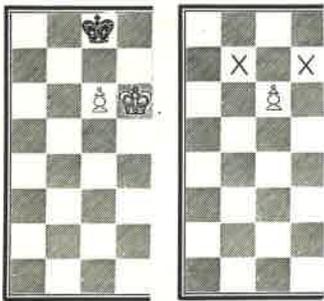
1 LUIS SANTOS-RODOLFO LAVRADOR, Lisboa, 1974) 1. Bf6! g6 (se 1... gxf6 2. Dg4+ Rh8 3. Dh4) 2. Dd2 Rh7 3. Dxc6+! Rxc6 4. Te3 e as pretas abandonam.

2 (RENATO FIGUEIREDO - TOMÉ DUARTE, Lisboa, 1974) 1... Dxc4+!! e as brancas abandonam. Se 2. gxc4 Bxf4+ 3. Rh3 Bg2++. Se 2. Ch3 Txf2+ 3. Txf2 Dxc3++. Se 2. Dh3 Dxf4!! 3. gxf4 (3. Bc1 Dd4 e ganham) Bxf4+ 4. Dg3 Tf6 e ganham.

3) JOSÉ OLIVEIRA - ALVARO PEREIRA, Lisboa, 1974) 1... Ce4+! 2. Rxe3 Dg5+ 3. Rxe4 (se 3. Rd4 Td8+ 4. Rxe4 f5+ 5. Re5 f4+ 6. Re4 Df5++) Te8+ 4. Rd4 De5+ 5. Rc4 Be6+ 6. Rb4 Tb8+ 7. Ra3 Da5+ 8. Da4 Dc5+ b4 9. Dc1++.

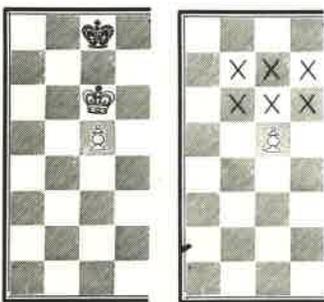
Finais elementares

O rei negro controla o avanço do peão. Único objectivo branco: promover o peão.



Jogando 1.c7 as brancas colocam o adversário em imediato *zugzwang*, obrigando-o a permitir a promoção do peão, 1... Rb7 2. Rd7 e 3. c8D. Se a jogada pertencesse às negras, com 1... Rd8 elas obtinham empate, pois após 2. c7+ Rc8 3. Rc6, estamos perante uma posição de afogado.

O único objectivo branco, a coroação do peão, só é logrado se for possível alcançar tanto a casa d7, que permite o apoio ao peão, como a casa b7 (note-se que tudo o que foi apresentado ocorre identicamente se colocarmos o rei branco em b6. Neste caso, ou ocupa b7, ou as negras se opõem com êxito jogando 1... Rb8). Estas duas casas são as casas críticas do peão. Tocando a vez às brancas, cabe-lhes também a vitória com 1. c7; tocando às negras, estas tomam a oposição e impedem, com a ajuda do afogado, a progressão do adversário.



As brancas ganham em qualquer dos casos. Com 1... Rd8 2. Rb7 ou 1... Rb8 2. Rd7, a vitória é evidente, pois o avanço do peão é imparável.

Jogando as brancas, o caso é mais difícil, mas, com a ajuda do exemplo anterior, obtém-se a sequência de lances 1. Rd6 Rd8 2. c6, atingindo-se a posição já estudada, em desfavor das negras: 2... Rc8 3. c7.

Fixem-se as casas críticas expostas no diagrama da direita, facilmente compreensíveis. Com os reis em d6 e c8, jogando as pretas, seria um erro grosseiro jogar 1. c6?? Rd8 com empate, mas 1. Rc6! chega para a vitória.

Recuando ainda mais uma fila (Rc5, c4 rei negro em c7), temos as mesmas casas-chave. Com mais espaço, as possibilidades de defesa das negras aumentam consideravelmente. Já tudo depende da saída. Caso as negras joguem, são obrigadas a permitir a incursão do rei branco, que alcança a vitória (repare-se como a oposição é muitas vezes o factor decisivo destes finais). 1 ...Rb7 2. Rd6 Rc8 3. Rc6 Rd8 4.c5 (ou Rb7) alcançando a posição anterior.

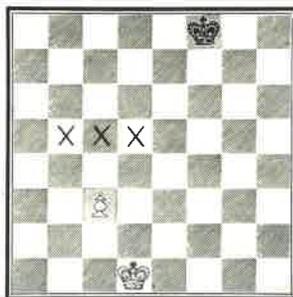
Mas, infortúnio branco, as negras têm excelentes recursos que bastam para o empate, no caso de a saída pertencer ao adversário.

1. Rd5 Rd7 toma a oposição defendendo as casas-chave. Como única maneira de progredir temos o avanço a c5. 2. c5 Rc7 3. c6 Rc8! (o lance fundamental da defesa, que permite ganhar a oposição, quer o rei branco jogue a d6 ou b6, oposição essa que garante empate do modo já conhecido) 4. Rd6 Rd8 5. Rc5 Rc7 6. Rb5 Rc8! 7. Rb6 Rb8.

Com o peão na 2.ª fila, as casas críticas são b4, c4 e d4. Ganha-se nestas casas, pois dispõe-se da jogada c3, valioso tempo que evita a tomada da oposição por parte das negras, colocando-as em *zugzwang*.

Como exemplo, coloquemos o rei branco em c4 e o negro em c6.

-1. c3! Rd6 2. Rb5 Rc7 3. Rc5 Rb7 4. Rd6 Rb6 5. c4 Rb7 6. c5 Rc8 7. Rc6 Rd8 8. Rb7 e ganham.

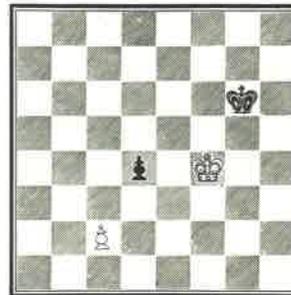


As negras devem responder a Rd4 com Rd6, a Rc4 com Rc6, e a Rb4 com Rb6, mantendo o controlo das casas-chaves.

As brancas podem alcançar qualquer das três casas, d4, c4 e b4, em três jogadas, mas o mesmo não se passa com o rei negro, que, só alcança b6 em quatro jogadas. Torna-se, pois, evidente que as brancas devem procurar b4 (as negras não chegarão a tempo).

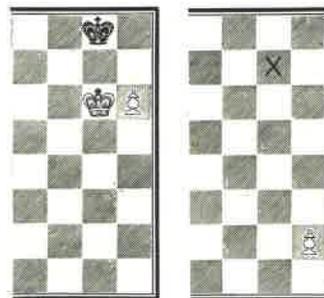
1. Rc2! Re7 2. Rb3 Rd6 3. Rb4! (forçando o adversário a jogar Rc6 para impedir a ocupação de b5) Rc6 4. Rc4! conquistando agora uma pelo menos das casas críticas.

Em tudo o que foi estudado, podemos notar um princípio importante que aqui deixamos sublinhado: as casas críticas deslocam-se com o peão. Avançar o peão implica avançar as casas-chaves e consequentemente dificultar a sua ocupação, pois é aproximá-las do rei negro. Convém, portanto, avançar primeiro o rei e, só depois de preparado o caminho, se desloca o peão.



Posição à primeira vista desesperada para as negras, pois o seu peão está perdido. Com Re4 e Rxd4 as brancas ocupam imediatamente a casa-chave de c2 e ganham irremediavelmente. Tomar a oposição não interessa, pois não evita a ameaça branca. No entanto, se o peão branco estivesse na 3.ª fila, já as casas-chaves estariam ao alcance do rei negro. A jogada é, então, imediata. 1... d3! 2. cxd3 Rf6! 3. Re4 Re6, com empate.

Com o peão de Torre temos um caso especial.



É suficiente as negras manterem-se em g8 e h8 para empatar, porque, após h7, o afogado impõe o empate: 1. h7+ Rh8 2. Rh6 1/2:1/2.

Só num caso as brancas ganham: se controlarem g7 de modo a impedir a aproximação do rei negro e a lograr o avanço do peão.

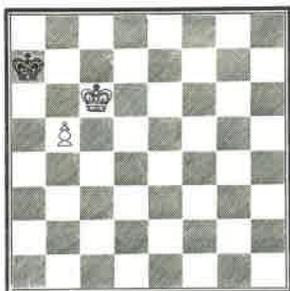
Tomemos ainda a seguinte posição que ilustra as possibilidades de defesa:

(Br.: Rg5, h5; Pr.: Re7)

1. Rg6 (procurando alcançar g7) Rf8 (por sua vez, buscam a salvação em h8) 2. Rh7 (que as brancas impedem. Mas aqui surge a chance inesperada). Rf7 3. h6 Rf8 4. Rh8 (ou 4. Rg6 Rg8) Rf7 5. h7 Rf8 e as brancas estão afogadas! Não basta pois alcançar g6. Unicamente g7 dá garantias de vitória.

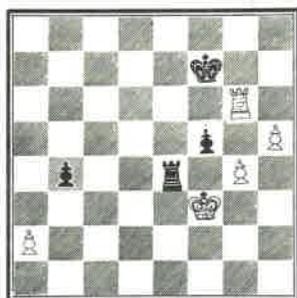
Com o peão de cavalo as regras são idênticas às do caso geral. É necessário, somente, evitar possíveis afogados que não existem com peões mais centrais.

Para resolver



Jogam as brancas e ganham

ALEKHINE-RETI



As negras jogam e empatam.

Solução do anterior: 1. Rg6. a) 1... Rb6 2. Rxc7 h5 3. Rxf6 ou 2... f5 3. Rf6 f4 4. Re5 f3 5. Rd6 e empate. b) 1... h5 2. Rxc7 h4 3. Rxf6. c) 1... f5 2. Rxc7 f4 3. Rf6 f3 (ou 3... Rb6 4. Re5) 4. Re6 (e7).

JOSÉ PEREIRA DOS SANTOS

TEMAS TÁCTICOS

Os dramas do subdesenvolvimento

Isto do xadrez é como as criancinhas: ou têm uma boa alimentação na «abertura» ou dificilmente se recompõem para o «meio-jogo» da vida. A constante evolução da «miópe senhora teoria» (como lhe chamava o bem-humorado Tartakower) não é mais, ao fim e ao cabo, do que a contínua busca do melhor desenvolvimento para as peças próprias, ao mesmo tempo que se procura impedir uma colocação efectiva das do adversário.

A medida que um jogador se vai formando e cometendo menos «deslizes» nas aberturas, cada vez se apercebe melhor de quão vantajoso é conduzir as brancas. O simples facto de se ser o primeiro a jogar — isto é, de possuir um tempo extra — tem uma importância que o principiante tarda a compreender em toda a sua essência.

Sobretudo quem maneja as negras deve, portanto, ter o maior cuidado em terminar rapidamente o seu desenvolvimento e evitar complicações enquanto os bispos se encontram ainda nas respectivas dioceses e os cavalos nas cavaliças. Além disso, deve procurar-se resguardar rapidamente o rei — apesar da desconfiança no roque com que o leitor tenha eventualmente ficado, depois da magnificamente bem estruturada série sobre «O ataque ao roque» com que o Luís Santos o «traumatizou» durante um ano...

E, depois deste paleio introdutório, vejamos uma curta-metragem com que Portish despachou Bronstein, há quase dez anos.

PORTISCH - BRONSTEIN

Mónaco 1969

Gambito de Dama

1. d4 d5 2. c4 c5?!

Uma regra de ouro para quem estuda as partidas dos grandes mestres está contida no velho rifão «faz o que eu digo, não faças o que eu faço». A variante austríaca, procurando complicações antes de tempo, está em absoluto contraste com os princípios gerais que até um espírito irreverente como o de Bronstein certamente defende. A continuação mais sólida é 2... e6 3. Cc3 Cf6

3. cxd5 Cf6

Pior é 3... Dxd5 4. Cf3 cxd4 5. Cc3 Da5 6. Cxd4 Cf6 7. Cb3, com vantagem.

4. e4 Cxe4 5. dxc5!

Uma melhora de Donner relativamente às velhas análises austríacas, que seguiam

com 5. Bc4 Cd6 6. dxc5 Cxc4 7. Da4+ Dd7 8. Dxc4 e6!, com contrajogo (9. d6 Dc6!).

5... Cxc5

Não serve 5... Da5+ 6. Bd2 Cxd2 (6... Dxc5?? 7. Da4+ e 8. Dxe4) 7. Cxd2 e se 7... Dxc5?? 8. Tc1.

6. Cf3 e6 7. Cc3 exd5 8. Dxd5 De7+

Este o reforço de Bronstein, que o convenceria a ressuscitar a variante. Uma partida Donner-O'Kelly (Havana 1965) trouxe rapidamente uma superioridade avassaladora para as brancas, após 8. Cc6? 9. Dxd8+ Cxd8 10. Cd5 Cc6 11. Be3 Bd7 12. Ce5 Ba4 13. Cc3 a6? (13... f6) 14. Bxc5 Cxc5 15. Bc4.

9. Be3 Cc6 10 Bb5 Bd7 11. 0-0

Que poderia Bronstein esperar desta posição? O flanco de rei ter-se-á esquecido de dar corda ao despertador? Para já, se 11... 0-0-0 12. Bxc5 Dxc5 13. Dxf7.

11... Ce6 12. Ce5! Cxe5

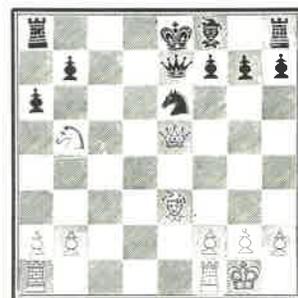
De novo não era possível o grande roque, devido a 13. Bxc6 Bxc6 14. Cxc6!

13. Dxe5 Bxb5

Tampouco era agradável 13... a6 14. Bxd7+ Dd7 15. Tad1. Por exemplo: 15... Dc7 16. Dxc7 Cxc7 17. Bb6 Ce6 18. Cd5 Tc8 19. Tfe1, etc.

14. Cxb5 a6

Evidentemente, a vantagem de desenvolvimento também seria suficiente para ganhar o final, depois de 14... f6 15. Dxe6! Dxe6 16. Cc7+.



15. Tad1! Tad8 16. Bb6! Txd1 Falha 16... axb5 por 17. Bxd8 Cxd8 18. Dxb5+ Cc6 19. Tfe1.

17. Txd1 f6 18. Df5! g6 19. Cc7+! Rf7

19... Cxc7 20. Db8+ Rf7 21. Td7 20 Dd5 1:0

A ameaça de 21. Te1 é imparável.

Repare no Bf8 e na Th8, e não se esqueça: o sol quando nasce é (devia ser) para todos!

ALVARO PEREIRA

Esta Revista é executada em OFFSET nas nossas OFICINAS

GRÁFICA PROGRESSIVA DE CACILHAS, LDA.



RUA CARVALHO FREIRINHA, 63-A CACILHAS

TELEF. 275 14 94

Quando os grandes mestres compõem

Normalmente, todos os problemistas jogam xadrez e alguns mesmos são fortes na partida.

Contudo, eu conheci um xadrezista incipiente que «fazia» problemas.

Mas num dos lances, oh surpresa!, o mate era 2. e3.e5++?, pois pensava que os peões podiam sempre avançar duas casas.

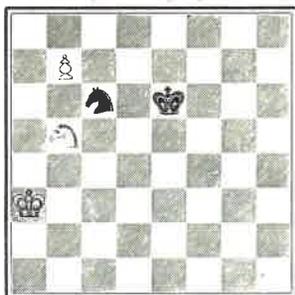
Raro é os Grandes Mestres Internacionais se dedicarem à composição.

Conhece-se meia dúzia de casos, que hoje irei aqui recordar.

E, «nos quoque gens sumus» (passe o «macarrónico»), entendo que um português tem direito de figurar neste elenco: o nosso ilustre boticário de Odemira. Damião.

Atribuo-lhe a categoria de GM porque, a avaliar pelo enorme sucesso do seu tratado «Libro da imparare...», publicado em Roma em 1512, ele era uma competência no seu tempo.

I
DAMIÃO DE ODEMIRA
1512



3+2 Jogam as brancas e ganham

O n.º 1, de Damião, de Odemira, é um final: 1. Cd4+Cxd4 2. b8D ganha, um recurso táctico que ainda tem emprego nas partidas de hoje.

(Aqui um parêntese: os diagramas passam a comportar, à esquerda, a soma das respectivas peças. É mais uma maneira de combater a praga das «gralhas», dando aos revisores um elemento de rápida comparação. Ainda na R. P. X. de Março, no problema I, de Alain White, a falta dum C Branco em c8 torna-o insolúvel).

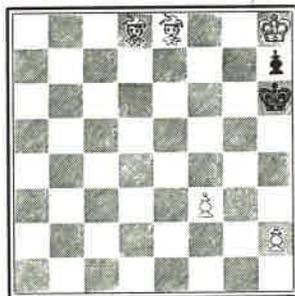
Adolph Anderssen, alemão (1818/79), foi indiscutivelmente um GM. Quem não conhece a «Imortal»?

Professor de Matemáticas no Friedrich Gymnasium de Breslávia, no seu tempo só foi superado por Morphy e Steinitz.

Anderssen ganhou o 1.º Torneio Internacional de Mestres realizado, o de Londres, em 1851.

O seu problema (II) realiza o que ficou conhecido por tema «Anderssen»: o mascaramento duma peça branca que é desmascarada no mate.

II
A. ANDERSSEN
Livro «Aufgaber» 1842



5+2 4++

Assim, 1. Bh5, Rxh5 2. Rg7 h6 3. Rf6 Rh4 4. Rg6++.

É a mesma manobra do «Índiano» que neste tema tem que ser precedida dum lance crítico (ver crónica de Junho/77).

Lembrarei agora Karl Schlechter, austríaco (1874/1918), o único que fez tremer o «trono» de Lasker antes, evidentemente, de Capablanca.

Schlechter era considerado jogador sem ambição, mas que empatava quando queria.

Contra Lasker, num «match» para o Campeonato do Mundo em 1910, chegou a ter um ponto de vantagem, ganhando a 5.ª partida.

Mas, cavalheirescamente, entendeu ter o dever de atacar e não jogar para o empate, o que daria o título. Resultado: Lasker recuperou o ponto, empatou o «match» e manteve o título.

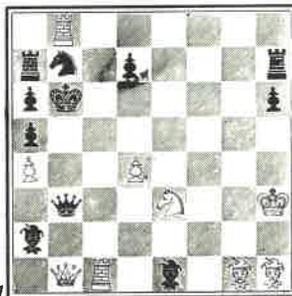
Mas todos os críticos consideraram Schlechter o vencedor moral.

Sabe-se que compôs bastante, mas os seus problemas dispersos por jornais nunca foram reunidos em livro. Lamentamos não possuir uma obra sua para inserir nesta crónica.

O GM Paulo Keres apresenta no seu belo problema o tema «Java».

Este nome deriva de ter sido estudado e trabalhado por Tuxen, em 1930, quando vivia em Java. Mas apurou-se que a primeira realização do tema se deve a Commins Mainsfield já em 1919.

III
C. MANSFIELD
«Good Companions» 1919



9+11 2++

Vamos inseri-lo, pois o GM do problema não ficará nada mal entre os GMs da partida.

Solução do n.º III: 1. Bh2 ameaça 2. Bc7++

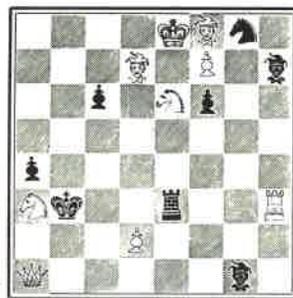
1... Bc3 2. Cc4++ (não Cd5) 1... Bg3 2. Cd5++ (não Cc4).

No tema «Java» as negras fecham uma linha branca, impedindo que as brancas no mate interceptem uma outra linha branca, o que produz um efeito anti-dual (ver R. P. X. de Fevereiro/78).

Paulo Keres é do nosso tempo. Estoniano, nascido em 1916, faleceu em Junho de 1975.

Revelou-se em 1935 ao ganhar o campeonato da Estónia. O 1.º lugar do torneio da A.V.R.O., em 1938 foi a consagração e conferiu-lhe o direito de disputar o campeonato do Mundo contra Alekhine. Mas o eclodir da II Grande Guerra em 1939, furtou-lhe essa possibilidade. Participando depois nos torneios de candidatos ficaria sempre «à porta». Acabou por ser chamado «o eterno Candidato!»

IV
P. KERES
«Schackvärlden» 1934
1.º prémio



9+8 2++

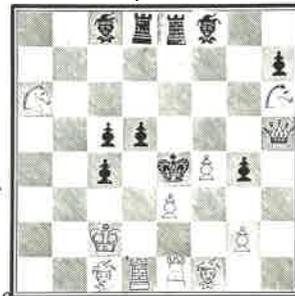
O seu 1.º prémio (IV) tem por solução: 1. Th4 ameaça 2. Tb4++ 1... Ce7 2. Cc5++ (não Cd4) e 1... Be4 2. Cd4++ (não Cc5).

Pal Benko, GM húngaro, naturalizado norte-americano, nasceu em 1928.

Participou em vários torneios de candidatos com resultados discretos.

O seu problema (n.º V) apresenta mais uma vez os «tubos de órgão».

V
PAL BENKO
«Magyar Sakkelet» 1974
1.º prémio



11+10 2++

Tema já tão antigo (e o nome foi-lhe dado por Loyd em 1857!) e muitas vezes explorado, como ainda mereceu agora um 1.º prémio?

É porque o tema está duplicado, com negras como habitualmente e também com brancas, o que é novidade. Isto é, há também um «órgão branco», que se «ouve» nos

ensaios: o problema é um bloqueio completo; qual o lance (chave) de espera? 1. Be2? Be7 (ou Be6); 1. Te2? e4!; 1. Bd2? e4!; 1. Td2? f3!

A solução é 1. Rg1 (não 1. Rf3? por Bb7+!).

Segue-se a «música» do «órgão» negro: 1... Be7 2. Dxe5++; 1... Bd6 2. Dd5++; 1... Te7 2. Dc5++; 1... Te6 2. Cxf5++, etc.

Na secção «Para resolver», publica-se um problema de Jaenisch.

Houve um GM, Carl Andreyvich Jae-

nisch, russo (1813/72). Foi grande matemático também. É autor de «Aplicações da análise matemática ao jogo do xadrez», e outras obras importantes.

Como não sei de certeza ser da autoria do GM o problema, que nem sequer tem data, não o incluo directamente nesta crónica.

Claro que de todo este elenco, os verdadeiros GM são Keres e Benko.

Em vida dos outros o título não existia, mas pelo que resista a seu respeito a his-

tória do Xadrez, sabemos que o merecem.

Finalmente, desejo com estas recordações chamar a atenção dos nossos jovens e já fortes jogadores que eu vejo, com interesse e aplauso, se «agarrarem» ao estudo de aberturas e finais com os bons resultados que se conhecem.

Se também se «distraírem» com os problemas, creiam que ficarão, como aliás atrás se demonstra, em boa e ilustre companhia.

RUI NASCIMENTO

TORNEIO INTERNACIONAL

Durão em Benidorm

A moderna cidade mediterrânica de Benidorm foi, de novo, magnífico cenário de um torneio «open» internacional, cujo elenco assinala o evento como um dos mais fortes do género realizado em Espanha, nos últimos anos. Presentes o GM e actual campeão espanhol Juan Manuel Bellón, cinco MI de nacionalidades diversas (Medina, Debarnot, Eslon, Hartston e Durão) e os melhores valores da moderna geração hispana (Sanz, Fernandez e Ochoa), com a única excepção de Martín, que estava anunciado mas não pode deslocar-se à última hora.

O triunfo pertenceu, com grande merecimento, a Javier Sanz, que terminou sem derrotas. Por outro lado, Bellón, que se pode considerar um especialista deste especial tipo de competição, defraudou as expectativas e teve de contentar-se com o 12.º posto, a um ponto do vencedor. Durão terminou em 10.º, também com os mesmos pontos do oitavo.

A sequência de resultados do MI português foi a seguinte: vitórias sobre Martínez (Alicante) e Falcón (Barcelona), empate com Sanz (Madrid), derrota frente a J. M. Fernandez (Alicante), vitórias sobre Pastor (Palma de Maiorca) e Sotillo (Madrid), derrota frente a Eslon (Suécia) e vitória sobre Vila (Barcelona). Uma actuação mediana, que poderia ter sido melhorada se houvesse rematado devidamente a partida frente a Eslon, na crucial penúltima jornada.

Esta partida com Eslon constitui um dos chamados «brilantismos frustrados», talvez devido à deficiente preparação que, por falta de tempo, me tem acossado ultimamente. Ocorreu ainda — e talvez por esse treino insuficiente — algo de insólito e pouco frequente: quando jogo 27. Tc1+ faltam-me 10 minutos para 18 lances, o que embora não seja muito é, no entanto, razoável, pois a situação desamparada do rei negro não deixa muitas opções a nenhum dos jogadores. Simplesmente aconteceu que me esqueci de carregar no relógio, ou seja, pôr o do adversário em marcha e parar o meu. Quando disso me apercebi — apesar dos sinais que (ilegalmente, diga-se de passagem)

me fazia a assistência que rodeava o tabuleiro, mas da qual me não ocupava — já haviam transcorrido sete minutos e, então sim, já estava em pânico com 3 minutos para 18 lances, pois o meu adversário astutamente (mas legalmente) só fez o lance depois de eu me aperceber e ter posto o seu relógio a trabalhar. Que a lição sirva também a outros.

A classificação geral (ordem Bucholz) ficou assim estabelecida:

1.º Sanz (Espanha) 6,5 pontos de 8 possíveis; 2.º Medina e Palácios (Espanha), Debarnot (Argentina), Hartston (Inglaterra), Eslon (Suécia) e Vehi (Espanha) 6; 8.º Oltra e Fernandez (Espanha), Durão (Portugal), Leontxo, Bellón, Ayza e Lopez Colón (Espanha) 5,5; 15.º Ochoa, Nieto, Gil, Rojas, Hurtado e Mataix (Espanha) 5, até um total de 74 concorrentes.

O meu filho, de 8 anos, Joaquim Miguel (ELO 1509 da FPX) não se safou do último posto, só com derrotas, embora tenha pregado alguns «sustos» a diversos adversários, que acabavam por levar-lhe a melhor. No fim teve a satisfação de trazer um taça e ser premiado com 1000 pesetas oferecidas pela Peña de Ajedrez Fabara, de Benetuser (Valência) que realizou a sua «combatividade». Pesetas, que ele tratou logo de converter num Geyper Man, com que brinca diariamente e lhe sugere amiúde a pergunta com que me massacra nas últimas semanas: «Pai, quando é que vamos jogar outro torneio a Espanha?»

JOAQUIM DURÃO - J. ESLON

Francesa

1. e4 e6 2. d4 d5 3. Cc3 Bb4 4. e4 c5 5. a3 Bxc3+ 6. bxc3 Ce7 7. Cf3 Bd7 8. a4 Da5 9. Bd2 Cbc6 10. Be2 f6 11. c4 Dc7 12. cxd5 Cxd5 13. c4 Cde7 14. exf6 gxf6.

Esta posição já se observara em Timman-Korchnoi, 3.ª partida no «match» de Leeuwarden, 1976, que prosseguiu 15. dxc5 0-0-0 16. Bc3 e5 17. Dd6 Cf5! 18. Dxc7+ Rxc7 com idênticas possibilidades, e tem muitíssimas semelhanças com a 4.ª do «match» Spassky-Korchnoi, Belgrado 1978, em que, anteriormente, o peão de c2 foi a c3. Aqui, porém, comeci a ver as estranhas possibilidades escondidas na

posição, através do sacrifício de dama que executo quatro lances mais tarde.

15. Bc3! 0-0-0 16. 0-0 cxd4 17. Cxd4 Be8 18. Cxe6! Txd1 19. Tfxd1 Db8.

Única para não devolver a dama: 19... Db6 20. Tab1 21. Cb4 (ou 20. ... Da6? 21. Cc5) 21. Td8+ Dxd8 22. Cxd8 com vantagem

20. Bxf6 Cg6 21. Bg4

De considerar era 21. Cc5 Df4 22. Bxh8 Cxh8 23. h3 com decisão difícil de avaliar.

21. ... Bd7 22. Txd7 Rxd7 23. Cg7+ Rd6

Aceitando o desafio. Com 23... Rc7 24. Ce6+ Rc8 as brancas parece terem de se contentar com o xeque perpétuo, a descoberto, pelo que a linha anteriormente indicada 21. Cc5 Df4, etc., era mais incisiva.

24. Td1+ Rc5 25. Ce6+ Rb4

Nos cálculos do sacrifício de dama e depois da «qualidade», a intuição dizia-me que o monarca negro não deveria sair ileso da sua deambulação.

26. Tb1+ Rxc4 27. Tc1+

E aqui Eslon pensa 7 minutos com o meu tempo.

27... Rb4 28. Bc3+ Rxa4 29. Bd1+??

Com 29. Tb1!! ameaçando Bd1+ e Cc5+ seguido de Ta1++, o jogo estava decidido a favor das brancas. Com o lance jogado é provável que as brancas ainda se safem (ou mesmo ganhem), mas é necessário tempo para reflectir.

29... Rb5 30. Be2+ Rb6 31. Tb1! Cb4 32. Txb4+

Ainda 32. Bxb4 seria preferível

32... Rc6 33. Td4 Tf8 34. Cxf8 Dxf8 35. Bf3+ Rc7 36. Ba5+??

Melhor era 36. Tc4+ e as brancas não devem perder, mas como tinha que fazer lances, as asneiras também contavam!

36... b6 37. Bb4 Df6 38. Tc4+ Rd8 39. Bc3 Df5 40. Be4 De6 41. Td4+ Re8 42. Bd5 Df5 43. Be4 Dc5 44. Td3 a5 45. Te3 Rd7 46. Td3+ Rc7

O controle já tinha passado, mas, jogados em ritmo ofegante os últimos lances, disso não me apercebi.

47. Bb2?? Db4 e as brancas abandonam.

JOAQUIM DURÃO

Capablanca, Maroczy e... Karpov!

Há alguns meses, e no decurso de uma crónica amena sobre o «open» de Cascais, propus-me fazer um cotejo das duas últimas gerações do xadrez lusitano. Certas considerações intermédias mais oportunas, têm retardado esse propósito, aliás com vantagem. É que, entretanto, tenho observado mais atentamente alguns torneios, o que me habilitará a formular um juízo mais exacto (o que não quer dizer infalível...), e não apenas com base no citado torneio de Cascais. Já agora, esperei pela conclusão do Campeonato de Lisboa — o que, devo confessar desde já, me deu novas perspectivas do nível do nosso xadrez actual — e pelo próximo Campeonato Nacional.

Não me faltará matéria para até lá alimentar esta rúbrica, correspondendo à insistência de leitores amigos — curiosamente, da moderna geração e que, pelos vistos, lhe acham alguma piada...

Para hoje, um apontamento que coligi na altura das primeiras crónicas, e que mostra que a curiosidade de um paralelo do tipo proposto — a avaliação de forças em duas gerações consecutivas — não é caso que ocorra apenas em Portugal, onde nos últimos anos tem brotado uma pleiade de jogadores inegavelmente promissores e com resultados práticos que deixam a ver progresso técnico apreciável.

O choque de gerações é de todas as épocas e latitudes. Dois exemplos típicos são descritos no livro «Capablanca — Últimas Lecciones». Conta o genial cubano que por volta do ano 29, teria o mestre Maroczy uns sessenta anos e havia tempo que não participava em torneios. Os jovens jogadores húngaros começaram então a dizer que Maroczy «passara à história», que os novos eram superiores aos jogadores da sua época, enfim, «argumentando da mesma forma que fazem hoje em dia os jogadores jovens a respeito dos mestres de há vinte ou trinta anos», isto ao tempo do acaso de Capablanca, como na era que corre...

Maroczy desabafou um dia: «Estes jovens jogadores húngaros não valem grande coisa. Jogam bem, mas são de segunda ou de terceira ordem. Não conhecem o verdadeiro jogo, o jogo dos grandes-mestres, porém, julgam que sabem muito e gostam de dizer que são mais fortes do que eu. Eu, por minha parte, estou já velho e não tenho o interesse de antigamente; porém, aborreço-me tanto as suas pretensões, que estou disposto a jogar um «match» com qualquer deles».

Estas palavras de Maroczy deram como

resultado que se organizasse um «match» entre um dos jovens húngaros, que acabava de ganhar o Campeonato da Hungria, e o velho mestre. O resultado foi um êxito completo para Maroczy, pois o seu adversário perdeu cinco partidas e não pôde averbar um único ponto a seu favor.

Conta ainda Capablanca, nessa sua obra derradeira, outro episódio, passado com Lasker, quando já tinha 68 anos, e relacionado com o Torneio de Nottingham. A partida a que se refere foi a que ele ganhou ao seu grande rival Alekhine (cujo nome ele omite...) e fá-lo nos seguintes termos:

«Havia eu acabado de ganhar uma partida muito importante e voltava ao hotel. Durante o transcurso da partida o meu adversário havia adquirido uma posição magnífica e em dado momento viu que mediante uma pequena manobra podia ganhar a qualidade. Lançou-se e ganhou a qualidade, porém depois perdeu a partida.

«Muitos dos mestres mais fortes ali presentes puseram-se a estudar a partida. Todos partiram do momento em que começava a manobra para ganhar a qualidade. Todos presumiam que a manobra era correcta e buscavam o erro depois. Assim estiveram por muito tempo, até que chegou Lasker. Puseram-no ao corrente do resultado e apresentaram-lhe a posição; porém, tão depressa como começaram a demonstrar-lhe a manobra para ganhar a qualidade, interrompeu-os e disse: «Não isso nunca».

«O velho mestre tinha dado logo conta do que os outros não haviam visto: que o ganhar a qualidade era um erro, e que o meu adversário não só perdia a vantagem que lhe dava a sua magnífica posição, mas que, com qualidade e tudo, tinha a posição perdida.

«Horas mais tarde, ao ver-me no hotel, aproximou-se e disse: «Você, sem dúvida, respirou fundo quando viu que o seu adversário mordeu o anzol...». E acrescentou: «Estes jogadores não são tão fortes como se crê».

«A verdade é que Lasker foi o único ali presente que se deu conta do verdadeiro valor daquela posição, assim como das possibilidades que ela encerrava».

Nesta transcrição pressente-se, por parte do autor (Capablanca escreveu as «Últimas Lições» poucos meses antes de falecer, em 1942, portanto contava 53 anos) um certo saudosismo ou partidarismo pelas duas gerações.

Tentarei furtar-me a esse estado de espírito (perfeitamente humano, não!?)

ao dar continuidade às minhas (reflexões de hibernado). Não será fácil, talvez. Pelo menos, a certo nível mundial...

É que, entretanto, um jovem ccompadre, admirador de Bobby Fischer e Karpov, comentando a minha própria crónica inserta no n.º 13 desta Revista, me fez observação de que ele não tinha dúvidas sobre a superioridade dos novos grandes-mestres de hoje sobre os antigos. Nomeadamente no tal fantástico «match» Alekhine-Karpov... Não vale a pena conjecturar ou especular num confronto (impossível) dessa natureza.

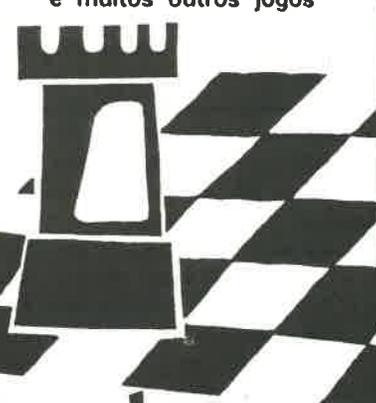
Em todo o caso, e sem pretender menosprezar o valor absoluto, real, do actual campeão do mundo, que não pode ser avaliado por uma única partida infeliz — eu só desejo perguntar àqueles xadrezistas que conheceram Alekhine se podem conceber o malogrado mestre jogando com as pretas nesta partida que passo a transcrever: 1. e4 e6 2. d4 d5 3. Cc3 Bb4 4. e5 Dd7 5. Cf3 b6 6. Bd2 Ba6 7. Bxa6 Cxa6 8. 0-0 Cb8 9. Ce2 Be7 10. Tc1 b5 11. Cf4 h5 12. b3 Ba3 13. Tb1 a5 14. c4 c6 15. c5 Bb4 (outra vez...) 16. Bc1 a4 17. Cd3 Ba5 (quinto movimento deste bispo... sem completar o desenvolvimento da ala de rei!) 18. bxa4 bxa4 19. Dxa4 Da7 20. Bg5 Bc7 (sexto...) 21. Txb8+1 Dxb8 22. Dxc6+ Rf8 23. Cf4 Ta7 24. Ch4 De8 25. Dxe6! (o castigo da extravagância...) fxe6 26. Cfg6+ Dxc6 27. Cxc6+ Re8 28. Cxh8 Ta4 29. Td1 Ce7 30. Bxe7 Rxe7 31. Cg6+ Rf7 32. Cf4 Bxe5 33. dxe5 Txf4 34. Tc1 Re8 35. c6 Rd8 36. c7+ Rc8 37. g3 Ta4 38. Tc6 Txa2 39. Txe6 g5 40. Td6 Td2 41. e6 Rxc7 42. e7 abandona.

Esta partida foi jogada no 44.º Campeonato Soviético, 1976, entre Geller e Karpov. Que tal?!

VASCO SANTOS

XADREZ

Damas • Domino • Ludo
Cavalinhos • Gamão
Cartas • Loto • Monopólio
e muitos outros jogos



Spril
SPORTS
rua do carmo, 21- lisboa

O sistema Elo e a sua aplicação em Portugal

1. Apresentação

Conforme foi prometido, começa-se hoje a publicar um artigo sobre o Sistema ELO e a sua aplicação pela F. P. X.

O sistema ELO tem vindo a merecer uma aceitação cada vez maior como modo de cálculo das classificações pontuais dos jogadores de xadrez. De origem americana, foi sucessivamente introduzido na própria FIDE e num número cada vez maior de federações nacionais, entre as quais a portuguesa.

Em 7 de Fevereiro de 1973 o **Caderno 1** distribuído pela F. P. X. era quase completamente preenchido com um artigo de divulgação sobre o Sistema, e constituiu, afinal, a base da regulamentação posterior sobre a matéria, obra da «carolice» de José Salgado, ao tempo director da Associação de Xadrez do Sul.

Pesassem embora as objecções de alguns opositores ao novo «regime», com argumentos de que «**não estamos ainda preparados, blá, blá, etc., etc.**», o que é facto é que o Sistema ELO trouxe novos motivos de interesse à nossa prática do xadrez e se impôs sem dificuldades de maior.

A experiência adquirida e as recomendações que regularmente se receberam da FIDE mostraram, a pouco e pouco, que se impunham alterações ao Regulamento então em vigor, as quais só há pouco tempo se concretizaram.

Dada a não publicação entre nós de elementos de natureza teórica, que permitam aos interessados «ver por dentro» a lógica do Sistema, e na expectativa dos problemas que alguns levantarão às alterações introduzidas, apresentam-se aqui um certo número de elementos susceptíveis de os esclarecer. É claro que a natureza matemática e estatística do assunto, o recurso a algum calão técnico, a aridez da matéria, o pouco espaço disponível e as insuficiências do escrevinhador contribuirão, possivelmente, para a falta de clareza da exposição. Toda-

via, a R.P.X. está aberta para esclarecer os leitores, em caso de necessidade.

Para a feitura do artigo, sobretudo nos pontos 2 a 5, foram usadas publicações de divulgação, do prof. Elo, que serão referidas na bibliografia.

2. Os vários sistemas de classificação pontual

Foi nos finais do séc. XIX, mais precisamente em 1891, que se estabeleceram as primeiras classificações pontuais de jogadores de xadrez, o que coincide com uma época de franco desenvolvimento do jogo e aumento do número de participantes em torneios internacionais, e parece revelar, portanto, uma preocupação de hierarquização, de estabilidade na apreciação da força dos jogadores para além das classificações, mutáveis, verificadas nos vários torneios. Foi porém só há cerca de 35 anos que aquela ideia de atribuir classificações pontuais aos jogadores se generalizou, com a divulgação dos vários sistemas de avaliação e a sua introdução em alguns países.

Fora da URSS, três sistemas são usados extensivamente para classificar todas as categorias de jogadores: o Sistema Ingo na Alemanha Federal, o Sistema da Federação Britânica de Xadrez e o Sistema de Classificação Pontual da Federação de Xadrez dos Estados Unidos, conhecido por Sistema Elo, do nome do Prof. Arpad Elo, presidente da comissão encarregada pela Federação dos E. U. de rever e aperfeiçoar os aspectos técnicos e administrativos do seu sistema de classificação pontual. Todos estes sistemas têm o mesmo princípio comum, pois combinam a percentagem feita por um jogador num torneio, com a força do próprio torneio, diferindo, porém, na forma de combinar aquela percentagem com esta força média.

De entre estes sistemas apenas o usado pela Federação do E. U. se desenvolveu inteiramente numa base teórica matemática e estatística, o que conduziu à sua genera-

lizada aceitação, com alterações de carácter secundário, por federações nacionais e pela própria FIDE. A sua aceitação em detrimento de outros sistemas ficou a dever-se fundamentalmente ao facto de ter produzido listas classificativas que concordavam, em geral, com as estimativas feitas pelos próprios xadrezistas.

Também a F.P.X. acolheu e adoptou este sistema, pelo que é dele que se fala em seguida, de forma resumida e com o mínimo de «matemáticas», procurando evidenciar as suas características básicas.

3. Porquê um sistema de classificação pontual

Em primeiro lugar, detenhamo-nos um pouco nas razões que levaram à adopção dos sistemas de classificação pontual dos jogadores e nomeadamente do Sistema Elo.

Uma razão evidente e já referida no início deste artigo é a da mutabilidade das classificações nos vários torneios. Assim, uma selecção baseada numa só prova não oferece garantias de escolha dos melhores. Se quisermos inclusivamente comparar a força de dois jogadores que nunca se encontraram frente ao tabuleiro, por pertencerem a regiões diferentes, por exemplo, a tarefa torna-se mesmo impossível.

Um sistema de classificação pontual destina-se, por isso, a avaliar todos os resultados efectuados por todos os jogadores, numa espécie de escala, de tal forma que em qualquer altura os jogadores podem ser registados por **ordem** da sua força e, mais ainda, se pode atribuir-lhes uma **estimativa** bastante aproximada da sua força de jogo.

Existindo uma lista com as classificações pontuais dos jogadores, ela poderia então servir para uma variedade de objectivos: escolha de participantes para campeonatos, escolha de representantes de seleções nacionais, distritais, de cidade ou de clube, distribuição de jogadores em torneios estratificados, emparceiramentos por sistema suíço, comparação de equipas em torneios, concessão de títulos e honras, etc. A lista terá, além disso, um interesse em si própria ao constituir um veículo de promoção e publicidade do próprio xadrez, como parecem revelar as estatísticas de praticantes dos E.U.A. antes e depois da introdução do Sistema Elo. (Continua no próximo número)

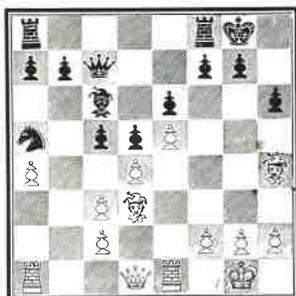
VICTOR SILVA

O meu melhor sacrifício

Para iniciarmos esta secção da melhor maneira, publicamos três sacrifícios que tiveram honras de ser inseridos na importante revista internacional de xadrez «Informatör». Entretanto, continuamos a apelar aos nossos leitores para que enviem os seus originais à Revista Portuguesa de Xadrez.

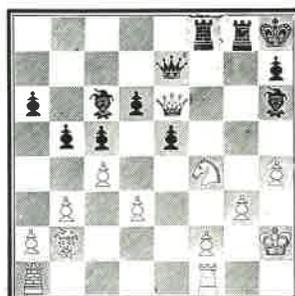
(soluções na pág. 53)

1
L. SANTOS - R. LAVRADOR
Lisboa 74



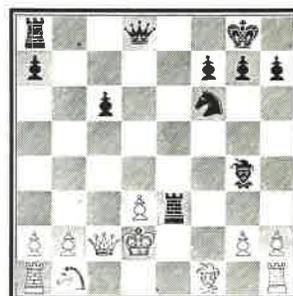
Jogam as brancas

2
R. FIGUEIREDO - T. DUARTE
Lisboa 74



Jogam as pretas

3
J. OLIVEIRA - A. PEREIRA
Lisboa 74



Jogam as pretas

PARTIDAS RECENTES

J. CARVALHO (Bras.) - A. PEREIRA
Torneio de Mestres, corr. 1976/78
Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 Cc6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 g6 5. c4 Cf6 6. Cc3 d6 7. f3 Bg7 8. Be3 0-0 9. Dd2 Cxd4 10. Bxd4 Be6 11. 0-0-0!

As brancas reconhecem que 11. Be2, seguido do roque curto, proporcionava às negras um jogo livre de quaisquer problemas, e decidem-se por esta provocatória continuação.

11... e6 12. Rb1 b5!

... E as pretas respondem à provocação lançando-se rapidamente ao assalto do vulnerável grande roque.

13. cxb5 axb5 14. Bxb5 Da5 15. a4!

Provavelmente, o mais seguro teria sido 15. a3, se bem que as negras obtivessem ampla compensação, por exemplo, com 15... Tfb8 16. De2 Bd7!? 17. Bxd7 Cxd7 18. Ra2 Cc5, que ameaça, entre outras coisas, 19... Tb3 e 20... Dxa3+.

Decididamente inferior parece ser 15. b3?! Tfc8 (ameaça 16... Txc3), e agora: a) 16. Be2? Bxb3 17. axb3 Da1+ 18. Rc2 Ta2+ 19. Rd3 Txd2+; b) 16. De2 Bxb3!! 17. axb3 Cd5!! 18. exd5 (a 18. Bxg7 segue-se o mesmo, o se 18. Cxd5 Da1+) Da1+ 19. Rc2 Ta2+ 20. Rd2 Txc3+; c) 16. Ba4(!) Tab8 (16... Db4? 17. Cd5!) 17. Cd5! (17. Ra1 Bxb3!! 18. axb3 Txb3 19. Tc1 Ta3+ ou 19. Da2 Tbx3 20. Bxc3 Dxc3+ 21. Db2 Da5) Dxa4 18. Cxe7+ Rf8!! 19. Cxc8 Bxb3!! (19... Bxc8?? 20. Db2!!) 20. axb3 Txb3+ 21. Rc1 (21. Bb2 Ce8) Dc4+ 22. Dc2 Bh6+ 23. Td2 Bxd2+ 24. Rd1! Bc3! 25. Bxf6 (aí está porque não 18... Rh8?) Tb2 26. Dxc3 Da4+, com mate rápido.

15... Bb3

Com 15... Tfb8, as brancas podiam optar por 16. Dd3! Bb3 17. Td2!

16. Tde1!

Única! Se 16. Tc1 Tfb8 (ameaça 17... Txb5) 17. Dd3 Db4, e a torre não tem a casa c2 para abater a ameaça de 18... Bxa4. Se 16. Tf1 Tfb8 17. Dd3 Db4 18. Tf2 Cg4! 19. fxd4 Bxd4

16... Tfb8 17. Dd3 Db4 18. Te2

A posição é crítica. As brancas parecem ter defendido tudo e prepararem-se para impor o peão de vantagem. Não servem 18... Txb5?? 19. Dxb5! ou 18... Cd7?? 19. Bxg7!. Por outro lado, 18... Txa4 parece atractivo, mas, após 19. Bxa4! Bc4 20. Dd1! e5 21. Bf2! Dxc3 22. Dd2! Bc4+ 23. Ra1 Dc4 24. b3 Da6 25. Te3! Txb3 26. Da2, as brancas param o ataque. Numa partida «ao vivo» esta combinação teria grandes hipóteses práticas, mas não em xadrez por correspondência. Por isso, havia que descobrir grandes remédios para os grandes males — e...

18... Ch5!! 19. Bxg7 Cf4! 20. Dd4 Txb5! 21. Cxb5

Não são possíveis nem 21. Dxb4 Txb4, e as brancas ficam com duas figuras atacadas, nem 21. axb5 Da5 22. Rc1 Cxe2+ 23. Cxe2 Da1+, 24. Rd2 Dxh1.

21... Ba2+!! 22. Ra1??

As brancas vacilam, perante a maré de sacrificios! Também o bispo tinha de ser aceite! Depois de 22. Rxa2 (se 22. Rc2?, não 22... Db3+? 23. Rd2 Cxe2 24. Rxe2 Txa4 25. Dd3 De6 26. Cd4, mas 22... Tc8+! 23. Cc3 Db3+ 24. Rd2 e5!!), e o ataque é decisivo) Dxb5 23.

Tc2!! Txa4+ 24. Rb1 Txd4 25. Bxd4 Dd3!, e o final parece um pouco melhor para as pretas.

22... Bc4 23. Bh6

Não há melhor, agora que o rei se encontra na coluna a). Por exemplo: 23. Dc3 Txa4+ 24. Rb1 Cxe2! 25. Dxb4 Bd3+.

23... Ce6 0:1

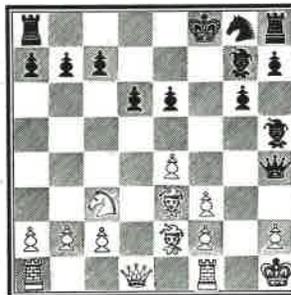
Uma possível continuação seria 24. Dc3 Dxb5 25. Rb1 Txa4 26. Te3 (se 26. Tee1 Bd3+ 27. Rc1 Tc4 ou 26. Td2 Ba2+ 27. Ra1 Bb3+ 28. Rb1 Ta1+!) Ba2+ 27. Ra1 Bb3+ 28. Rb1 Da6! 29. Dxb3 Ta1+ 30. Rc2 Cd4+, etc.

(comentários de ÁLVARO PEREIRA)

PARA RESOLVER

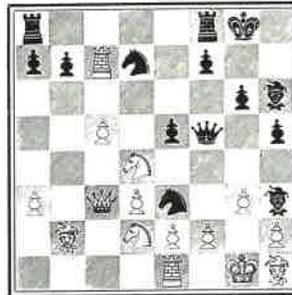
Combinações

40
DORFMAN - ROMANISHIN
Cienfuegos, 1977



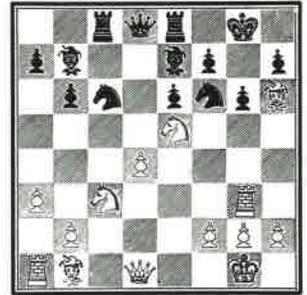
As pretas ganham

41
O'KELLY - DEVOS
Bélgica, 1937



A pretas ganham

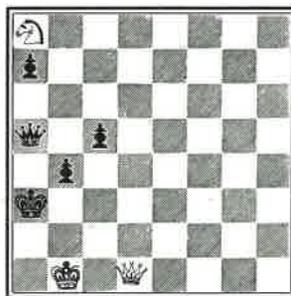
42
KEENE - MILES
Hastings, 1975/76



As brancas ganham

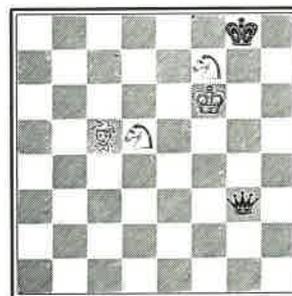
Estudos e Finais

40
TROITZKY e KUBBEL
«Ceskoslovensky Sach» 1936
2.º prémio



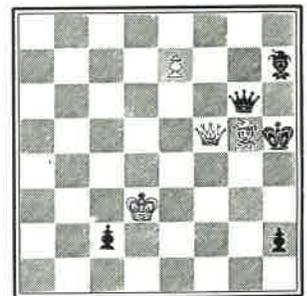
3+5 Brancas ganham

41
H. RINCK
«Basler Nachrichten» 1941



4+2 Brancas ganham

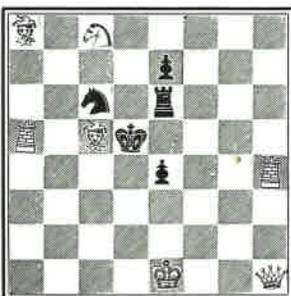
42
A. HILDEBRAND
«Lidová Demokraciá» 1961



4+5 Brancas empatam

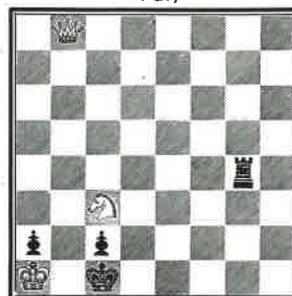
Problemas

40
ELLERMAN
«Good Companion» 1916



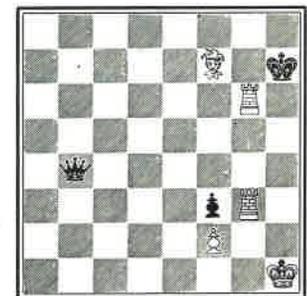
7+5 2++

41
ANDRÉ CHÉRON
«Gazette de Lausanne» 1932
Conc. «Meredith», 1.º prémio (dedicado à memória de meu Pai)



3+4 3++

42
JAEMISCH
?



5+3 Inverso 6++